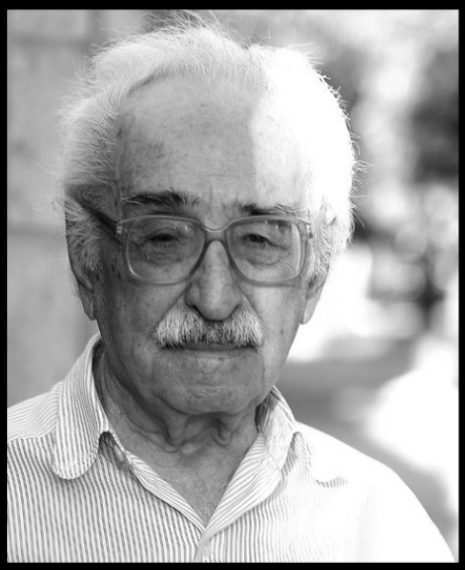
REVISTA Salau

POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS

MÁRIO GOMES

CHARLES BUKOWSKI



MANOEL DE BARROS

PAULO LEMINSKI

Volume 4 - número 11 novembro/ dezembro de 2024

ISSN 2965-6192

AUDIODESCRIÇÃO Edição novembro/dezembro de 2024

Descrição da imagem: capa com fundo preto. Na parte superior, em letras brancas “POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS”. Abaixo, na parte central, as fotos em preto e branco dos poetas Mário Gomes, Charles Bukowski, Manoel de Barros e Paulo Leminski. A foto de Mário, homem pardo, cabelos curtos e grisalhos, vestido com camisa preta de mangas compridas. A foto de Charles, homem pardo, cabelos curtos e grisalhos; usa barba grisalha. A foto de Manoel, homem branco, cabelos curtos e brancos; usa óculos de grau e bigode branco. A foto de Paulo, homem branco, cabelos curtos e pretos; usa óculos de grau e um longo bigode preto. Na parte inferior, em letras brancas “Volume 4 – número 11 novembro/dezembro de 2024; ISSN 2965-6192” e o código de barras. Na vertical, à esquerda, em letras brancas “REVISTA SARAU”.

@REVISTASARAU

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:
●. Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
● O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
● Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
https://revistasarau2.wixsite.com/website

EXPEDIENTE

Volume 4 – número 11 – nov. / dez. de 2024
Fortaleza – CE – Brasil
Publicação Bimestral
Distribuição Gratuita: On-line

EDITOR CHEFE:

Nonato Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Afrânio Câmara
Luciana Bessa
Eduardo Fontenele
Elaine Meireles
Ivan Melo
José Roberto Morais
Néia Gava
Péricles Melo
Rangel Flor

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Mário Gomes, Charles Bukowski, Manoel de Barros e Paulo Leminski

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com
Instagram: @revistasarau
https://revistasarau2.wixsite.com/website

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

SUMÁRIO

5 Editorial
6 Mário Gomes, a felicidade através da poesia / Costa Senna
7 Mário Gomes, um homem recatado e demolidor / Márcio Catunda
8 O homem que morava dentro de si / Nonato Nogueira
9 Uma violenta orgia universal / Mário Gomes
10 A imortalidade do poeta Mário Gomes / Rangel Flor
11 Ao mestre do suspense Edgar Allan Poe / Marcos Abreu
12 Art Collage – Feminicídio / Beny Barbosa
13 Manoel de Barros: um poeta incompleto / Luciana Bessa
15 Tributo ao poeta Manoel de Barros / Marcondes Jamacaru
16 A criança interior do poeta / Marla Gomes Lima
17 Tratado de transver horizontes / Maria Clara Moura Santos
18 Manoel de Barros: o menino que carregava água na peneira / José Roberto Morais
20 Manoel de Barros / Rai Albuquerque
21 Estrada / Sandra Fontenelle
22 A magia nas palavras de Manoel de Barros: o poeta que encontrou beleza nas coisas / Élcio Cavalcante
24 Arte visual – Incendio criminoso / Carlos Nascimentto
25 Atraídos pela arte, condenados pelo vício / Ivan Melo
27 O último romance de Charles Bukowski / Eduardo Fontenele
29 Carta a um velho safado, que não enviei / Taynara Bezerra de Oliveira
31 A literatura de Charles Bukowski: a voz dos marginalizados, o cronista da solidão e do amor / Élcio Cavalcante
33 Arte visual – Fio de vida – Pulsante / Amauri Flor / Gorette Rodrigues
34 Leminski – Riso para Gil / Paulo Leminski
35 Paulo Leminski: o escritor incompreendido / Néia Gava
36 A formidável e marcante poesia marginal do poeta Paulo Leminski / Élcio Cavalcante
37 O poeta “Polaco Mulato de Curitiba” / Denilson Marques dos Santos
38 Art visual – Portrait de Valentina Yasen, inspirado numa fotografia / Lara Amora
39 Amanhecer em Fortaleza / Cícero Wagner Lucena
40 Prosa & Verso / Arnaldo Ricardo do Nascimento
41 Limites / Vuldembergue Farias
42 A catadora de conchas / Isathai Morena
43 Poeme-se / Carlos Nascimentto
45 Arte Collage – Fogaréu verde: natureza ameaçada / Beny Barbosa
46 Recuerdos / Ana Paula Marques
47 A poesia de Pedro Vale / Pedro Vale
48 Bendita poesia de cada dia / George Forti
49 Coluna Escritoras Cachoeirenses – Interior do mundo / Eliane Nunes
50 A matilha de Itabira / Dandara Dias de Oliveira
51 O tempo para devagar nesses lugares / Raquel Poleto Fonseca; Cachoeiro de Itapemirim–Memórias e encantos / Jovanna Pin
52 Barbuleta / Mércia Souza
53 Marias / Mariana Bernardo
54 Carta / Virgínia Pastore; Mariana ainda está aqui / Emília Nazaré
55 Arte visual – olhando o sol / Amauri Flôr; Uma flor e seus encantos / Néia gava
56 Do que me resta / Vânia Pontes
57 Poemas / Marlucia Vidal
58 Poeme-se / Ruth Ibiapina
59 Neandertal / Enrico Pierrô
61 Saudosos vendedores de rua / Maria José Monte Holanda
63 Palavras que florescem / Luize Soares
65 Intertextualidade e Camões / Renata Barcellos
66 Coluna Mosaico Artístico-Cultural / Elaine Meireles

EDITORIAL

Escolhas...

São sempre as escolhas que definem o caminho a seguir, quer seja ele bom ou ruim, certo ou errado, produtivo ou estéril. Escolhas afetam não somente a quem escolhe, mas também a quem cruza o caminho de quem escolheu algo ou alguém. As escolhas podem girar em torno de ideias, objetos materiais, circunstâncias espirituais, oportunidades temporárias, quer sejam elas de caráter moral, ético, social, político, afetivo, religioso, cultural, intelectual, ...

A **Revista Sarau** também faz escolhas! A cada bimestre escolhemos homens e mulheres que fizeram escolhas e se projetaram no mundo artístico, literário, cultural e intelectual. Cruzamos seus caminhos, desfrutamos de suas Artes, nos inspiramos em suas magnificas ideias e produções artísticas para compor o nosso próprio caminho.

No bimestre novembro/dezembro estamos homenageando quatro escritores originais, com potencialidades particulares no ato de escrever. Então, convidamos nossos leitores a conhecer um pouco mais sobre o "poeta boêmio da praça", o escritor cearense **Mario Gomes**, cuja liberdade de viver e escrever se reconhece como "*Sou um cachorro vira-lata/ Não tenho residência fixa/ Não tenho responsabilidade/ Não tenho dono*". Encontramos no Mato Grosso do Sul, **Manoel de Barros**, com uma poesia carregada de telurismos, neologismos, regionalismos, desconstrução da linguagem, que afirma "*É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez. / Tudo que não invento é falso*". Do Paraná, trouxemos **Paulo Leminski**, pertencente à Geração Mimeógrafo, amante da cultura japonesa (fez haicais), sua produção literária é carregada de linguagem coloquial, humor, ironia, palavrão. Tendo circulado pelo romance, publicidade, HQ, MPB, TV, declara que "*Cumpri meu serviço militar na poesia concreta*".

Por fim, cruzamos o Atlântico e escolhemos **Charles Bukowski**, alemão de origem e americano de adoção. A frase "*Por mínimo que seja o que um homem possua, sempre descobre que pode contentar-se ainda com menos",* revela, em seus romances picantes e eróticos, o desencanto consigo, com a vida, com a sociedade, retratados por Henri Chinaski, alter ego do autor.

Esperamos que façam sempre a escolha certa! Afinal, são sempre as escolhas que definem o caminho a seguir! Boa leitura!

MÁRIO GOMES, A FELICIDADE ATRAVÉS DA POESIA

Costa Senna

Conheci Mário Gomes no Clube dos Poetas Cearenses no começo da década de 1980. Ele me parecia imprevisível, como alguém que tenta preencher o mesmo momento com calma e inquietação. Contava alguns casos que haviam acontecido com ele, ria como se outra pessoa estivesse narrando tudo aquilo para ele, mas seu comportamento deixava transparecer que não tinha nenhuma preocupação com o partido A ou o partido B ou seja lá qual fosse; afinal, o que ele queria mesmo era que a felicidade viesse através da poesia, por acreditar que ela fosse o caminho para o fim de todos os males e o bem maior do mundo. Naquela mesma noite, fui convidado por ele para ir ao "escritório", nome dado pelos poetas a um espaço que eles ocupavam na Praça do Ferreira, em frente ao Cine São Luiz, lugar que também passei a visitar durante quase uma década. Muita gente frequentava o escritório e a maior parte era composta de poetas. Nesse local, lia-se poesia e apresentavam-se aos presentes os trabalhos mais recentes; havia mais cultura do que loucura. Vários poemas que compõem a obra de Mário Gomes foram apresentados em primeira mão no escritório. Acho até que o lugar deveria ter sido reconhecido como um ponto de cultura. O certo é que, se Mário Gomes sabia ou não sabia, queria ou não queria, ele ocupava a cadeira de número 01 naquela academia de poetas "malditos". Ele era o pastor do rebanho de ovelhas desgarradas e a presença constante desses indivíduos ajudava a escrever a sua história.

Lembro-me de que certa vez li para o poeta uma poesia que eu havia acabado de concluir, "Assim Foi o Ano 2033". Mário ouviu com muita atenção e depois disse o seguinte: "Poeticamente, você vem crescendo a passos de ganso, acredito que virá a ser o meu discípulo número um". Naquele momento fiquei muito feliz, dei-lhe até um abraço de gratidão, mas anos depois passei a acreditar que aquilo fosse apenas uma estratégia dele. Mário deve ter falado o mesmo para os outros tantos poetas que foram lhe mostrar seus trabalhos.

Muitas coisas aconteciam. Lembro-me de uma vez que entramos em um bar e o poeta Mário Gomes pediu bebidas e tira-gostos. Éramos um grupo de cinco ou seis poetas, todos na maior alegria, e Mário deixou os ponteiros do relógio ultrapassarem as quatro da tarde para ir buscar o dinheiro do jogo do bicho. Ele tinha plena convicção de que havia ganhado, mas não ganhou, sendo que, o pior de tudo, não foi fácil convencer o dono do bar a nos deixar sair dali sem pagar as despesas. Naquele momento, depois do que foi visto e ouvido, ele deve ter concluído que Mário Gomes não passava de um louco.

Lembro-me de quando o meu trabalho de literatura de cordel ganhou mais respaldo, principalmente dentro das escolas de Fortaleza, Eu já não passava tanto pelo escritório. O poeta percebeu a minha ausência e certa vez, quando lá cheguei, ele me chamou em particular e, de modo bem aconselhador, com voz serena, mas olhando nos meus olhos, disse-me mais ou menos assim: "Costa Senna, este mundo aqui está de portas abertas para você. Aprenda a colher os frutos da poesia. Quer ser um grande poeta? Esqueça esse negócio de trabalho, ele intimida o poeta e a poesia. Pelo que estou vendo, você não tem coragem de ser vagabundo". Eu travei, não deu tempo de responder nada, ele já se virava dizendo: "Vamos fazer uma vaquinha pra cachaça".

Mário era isso: dele podia-se ver ou ouvir o inesperado. Era um louco, mas um louco cheio de ternura e querido por todos. O escritório se tornava um mundo vazio sem a sua presença; sua energia era tão gigantesca que fazia com que algumas pessoas sonhassem ser Mário Gomes, mas não seria fácil; ninguém teria a coragem de morar apenas dentro de si mesmo e, nos últimos suspiros de vida, dizer: "Deixa, oh morte, que eu morra rindo de ti."

Costa Senna é cantor, ator e poeta. O seu trabalho é composto por literatura de cordel, música, provérbios, 'causos', informações e brincadeiras que formam o universo cultural brasileiro.

MÁRIO GOMES, UM HOMEM RECATADO E DEMOLIDOR

Márcio Catunda

Mario Gomes foi o exemplo mais emblemático dos paradoxos do mundo. Extravagante e generoso. Educadíssimo e debochado. Recatado e demolidor.

Foto: Reprodução

Mário Gomes marcou época, fez escola e deixou saudade. Sua principal lição foi o despojamento e o gosto pela aventura. A arte de viver intensamente, sempre, sem se preocupar com o amanhã.

A poesia veio ao seu encontro proveniente da mais primária fonte, porque passou por poucos intermediários, já que o Poeta não leu nem a metade do que nós, poetas profissionais, nos vangloriamos de ter lido. Sua escola foi a rua, os becos e o povo comum. Com essas matérias-primas, ele construiu sua tapera e seu pardieiro. De resto, a medida de todas as experiências existenciais para um escritor reside nisso: viver, observar, sentir e escrever.

Mediante tal regalia, Mário Gomes exerceu prerrogativas para desmistificar a poesia, trazendo-a dos âmbitos aristocráticos para as esferas dos homens de carne e osso. Foi ele o pioneiro no Ceará no uso da pornografia literária.

As estrelas, o álcool, os amigos e as peregrinações boêmias constituem os temas principais de sua arte poética, plantada no terreno da legítima sensibilidade dos loucos iluminados. Com ele aprendi o sentido da vagabundagem lírica. Na biografia que a seu respeito escrevi, dei testemunho desse profuso obséquio de um companheiro de sonhos e utopias. Há criaturas que nascem para deixar algum exemplo de vida. Mário Gomes foi o contraexemplo, a exceção que constitui o exótico, o insólito, o singular.

Eis aqui um tributo à memória do poeta singular por excelência, o rei dos boêmios, que lucidamente se degradou até o fim, mantendo-se coerente com sua natureza desbragada e autodestruitiva. Mário Gomes fez da própria vida o sentido denotativo de sua poesia.

Márcio Catunda, escritor e diplomata, é membro da Associação Nacional de Escritores (Brasília-DF), do Pen Clube do Brasil (Rio de Janeiro), da Academia de Letras do Brasil (Brasília-DF), da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo (sócio correspondente), da União Brasileira de Escritores (UBE-Rio de Janeiro) e da Associação Profissional de Poetas do Rio de Janeiro (APPERJ). Editou diversos livros de poesia, de prosa (alguns dos quais escritos diretamente no idioma espanhol) e discos de poemas musicados.

O HOMEM QUE MORAVA DENTRO DE SI

Mário Gomes

Nonato Nogueira

Era quase meio-dia, a cidade desnuda repousava sob a sombra do Excelsior Hotel. A poucos metros, os raios do sol iluminavam as bancas de revista.

O vento forte chegou de repente, trazendo folhas do benjamim. Entre as folhas secas, os passos lentos do deambulante poeta de alma livre.

O poeta chegou com o vento. Com a fúria do tempo, contemplou as capas de revistas masculinas. Não comprou nada. Apenas olhou em silêncio os sorrisos mecânicos. Seguiu na direção de seu escritório.

O homem trôpego caminhou devagar. Em silêncio, caminhou entre as pessoas. Com a boca muda, mastigava as palavras.

Ele se vestia com elegância, calça, camisa, casaco e sapatos usados. O viajante sem rumo, poeta galanteador, era solteiro. A vida lhe negou uma mulher. Não tinha filhos. O eterno menestrel não tinha emprego. Vivia no ócio, alimentando-se de poesia. Sem formação superior completa, levava a vida cheia de vícios. No bolso do casaco, além da cachaça, levava muita poesia.

Mário Gomes era seu nome. O poeta da praça. Uma grande dicotomia: nas manhãs era um homem bom, nas tardes um homem mau, nas noites de boemia, apenas um poeta maldito.

Esse homem que afrontava o poder abusivo era visto por alguns indivíduos como um santo. Outros, no entanto, consideravam-no um bandido. Para os amigos da praça, era um herói. Para os incrédulos, era o anti-herói da cidade.

Em silêncio, chegou ao seu escritório, o velho banco da praça. Era um local aprazível, sob a sombra de um benjamim. Nesse canto da praça, escreveu seus poemas. Viveu aventuras.

Nessa tarde poética, passou pela praça o poeta Costa Sena. Sentou-se ao lado de Mário Gomes. Os dois amigos passaram o resto da tarde conversando.

— Mário, você tem alguma preocupação?

— Meu chapa, minha única preocupação é não me preocupar com nada.

. Depois de uma longa conversa Costa Sena abraçou o velho amigo. Seguiu seu caminho e deixou o poeta delirando com seus mil versos imaginados.

No fim da tarde, Mário Gomes comeu um prato de lagartas e passou a noite inteira defecando borboletas.

Depois da Ave-Maria, como era habitual, o poeta fechou seu escritório. Fechou-se do mundo. Mergulhou sozinho na sua desgraça. Tomou um gole de sua cachaça. Acendeu um cigarro e fugiu de si.

O poeta andarilho caminhou pela praça devagar. Na lentidão do tempo cumprimentou os amigos. Seguiu na direção do Centro Dragão do Mar.

Ao cruzar a Praça dos Leões, uma senhora pagou-lhe um lanche.

— Mário, você é morador de rua?

O poeta indignado, questionou:

— A senhora, aonde é que mora?

Ela respondeu morar numa rua próxima à Praça.

— Então, a senhora mora na rua? Eu não sou morador de rua. Eu moro dentro dos meus pensamentos.

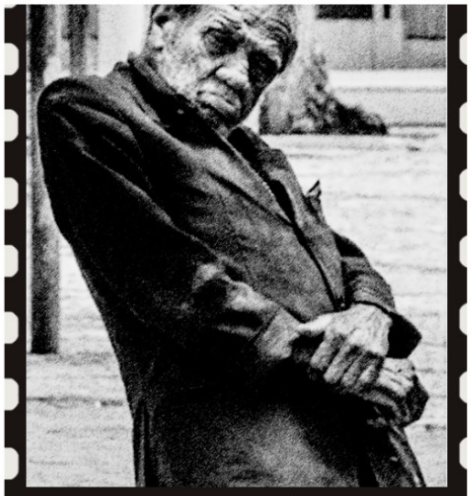
A mulher silenciou. O poeta seguiu seu caminho. Desceu pela Rua São Paulo, atravessou a Sena Madureira e desapareceu com o vento.

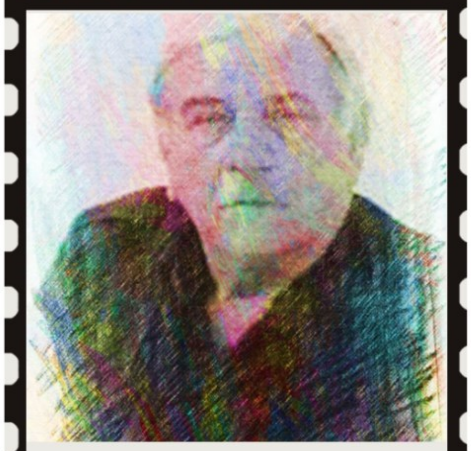
Adquira seu exemplar
Contato: (85)988794891

Nonato Nogueira é mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e autor de livros de Literatura Infantojuvenil e didáticos de Filosofia para crianças e adolescentes e de História. Organizou cinco antologias de poemas, crônicas e contos. É autor de três livros de poemas, publicados de forma independente. Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de contos O homem que morava dentro de si.

UMA VIOLENTA ORGIA UNIVERSAL

Mário Gomes





O homem que morava dentro de si

Olhei o sol.
Me irreitei
E larguei a mão na cara dele.
No qual ele ficou
Desacordado por 12 horas ininterruptas.
Dei um ponta-pé nos ovos da terra.
Afastei São Jorge
E mantive relações sexuais com a lu\.
Pisoteei o cadáver de satanás
Numa esquina encontrei-me com Deus
E saímos abraçados: rindo e cantando.... Chovia

MATAMORFOSE

Ontem,
Ao meio-dia,
Comi um prato de lagartas
Passei a tarde defecando borboletas

AÇÃO GIGANTESCA

Beijei a boca da noite
E engoli milhões de estrelas.
Fiquei iluminado.
Bebi toda a água do oceano.
Devorei as florestas.
A Humanidade ajoelhou-se aos meus pés,
Pensando que era a hora do Juízo Final.
Apertei, com as mãos, a terra,
Derretendo-a.
As aves em sua totalidade,
Voaram para o Além.
Os animais caíram do abismo espacial.
Dei uma gargalhada cínica
E fui descansar na primeira nuvem
Que passava naquele dia
Em que o sol me olhava assustadoramente.
Fui dormir o sono da eternidade.
E me acordei mil anos depois,
Por detrás do Universo.

Mário Ferreira Gomes (1947-2014), o “Poeta Descomunal” se tornou popular como transeunte da Praça do Ferreira e no Centro Dragão do Mar de Arte Cultura.

A IMORTALIDADE DO POETA MÁRIO GOMES

Rangel Flor

Abandonado pela cidade, Mário Gomes, o autor de inúmeros espetáculos barulhentos feitos nos terminais de ônibus da grande Fortaleza, das ruas e praças, como a do Ferreira, onde os artistas abriam a lona do céu triunfal para recitar suas poesias, foi encontrado no banco da praça do centro cultural Dragão do Mar em eterna solidão e recolhido ao silêncio, o qual sempre foi contrário.

Naquela noite de dificuldades do dia 31 de dezembro, o corpo se encontrava em posição de feto; ele se despedia do mundo naquela tarde, em 2014. Debilitado e desnutrido de poesia, nos deixou às margens do silêncio.

Foto: Divulgação

Talvez, este tenha sido seu último desejo; "sua escola foi a rua, os becos e o povo comum. Com essas matérias-primas, ele construiu sua tarefa e seu pardieiro." Enfim… morreu no berço da praça que o acolheu tão bem!

"Deixa, oh morte, que eu morra rindo de ti.” foi sua última expressão poética. O escritório se tornava um mundo vazio sem a sua presença; sua energia era tão intensa, que fazia com que algumas pessoas sonhassem em ser Mário.

Lembro bem dessa época. Década de 90, em que o via na multidão da praça a caminho do trabalho ou da faculdade. Observava-o em todos os lugares, recitando versos e gritando ao mundo a sua arte poética, vestido com seu paletó de traje fino, de cores vivas e cheio de significados. Por um tempo, senti falta do artista. A praça estava vazia e silenciosa. E o homem que teve um papel significativo em minha vida, por sua ferocidade de escancarar os desmantelos da cidade, de rasgar as injustiças e de denunciar a corrupção política, de repente, o vi imortal aos olhos de Nonato Nogueira, que o imortaliza através de sua obra “O homem que morava dentro de si." Sem ter podido me despedir da grande figura poética Mário Gomes, que fez parte da minha mocidade, descubro sua imortalidade nas páginas elaboradas deste tratado. A inspiração poética não morreu. O amante inveterado da lua e o espírito embriagado do artista ganharam formas e traços intransponíveis nas suas andanças. Conquistou a cidade e, com certeza, a imortalidade do grande poeta. Algumas peças de roupas não seriam dignas de vestir tanta poesia.

Foi bom te reencontrar, meu amigo. A cidade, órfã de ti, nunca será a mesma.

Francisco Rangel Pinho Furtado é natural de Pentecoste, Ceará, e autor do livro "Luto Coletivo" publicado em 2023. Também é romancista, cronista e poeta. Formou-se em Ciências Religiosas pelo Instituto de Ciências Religiosas (ICRE).

AO MESTRE DO SUSPENSE EDGAR ALLAN POE

Marcos Abreu

Na penumbra de uma noite fria, onde as sombras dançam ao som do vento e os murmúrios do desconhecido ecoam, é onde encontramos a essência enigmática de um dos mais proeminentes mestres do terror e da melancolia: Edgar Allan Poe.

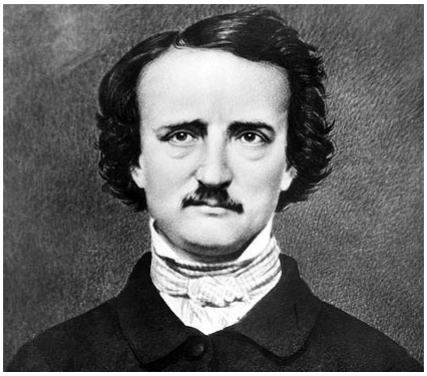


Foto: Divulgação

Permitam-me, caros leitores, conduzi-los a um passeio pelos recantos sombrios da mente deste genial escritor.

Edgar Allan Poe, com sua vida marcada por tragédias e infortúnios, encontra na escrita o refúgio para suas tormentas interiores. Seus contos e poemas são como janelas abertas para um mundo macabro, onde o sobrenatural e o terror se entrelaçam em uma dança sinistra.

Como um alquimista das palavras, ele mistura gotas de melancolia com pinceladas de horror, criando um universo único e inquietante. Nos versos do poema “O Corvo”, acompanhamos o tormento de um narrador solitário, assombrado pela presença de uma ave negra que repete incansavelmente sempre a mesma frase: “Nunca Mais”. Essa repetição incessante ecoa não apenas nos corredores sombrios da casa, mas também na alma do protagonista, trazendo à tona suas angústias mais profundas.

Em o “O poço e o Pêndulo”, somos transportados para as profundezas de um calabouço durante a Inquisição Espanhola. A cada linha, sentimos a agonia do prisioneiro enquanto ele enfrenta um destino terrível e inevitável. Poe nos leva a mergulhar nas profundezas da loucura humana, onde o medo e a claustrofobia se entrelaçam em uma dança macabra.

E o que dizer de “A queda da casa de Usher”? Nesta narrativa sombria, testemunhamos a decadência de uma família amaldiçoada, cujo destino se entrelaça com o da própria mansão em que habitam. A atmosfera claustrofóbica e a sensação de iminente desgraça nos envolvem a cada página, enquanto acompanhamos o colapso inevitável de tudo o que é conhecido e familiar.

Entretanto, não podemos falar de Poe sem mencionar sua própria vida, marcada por perdas e tragédias que ecoam em sua obra. A morte prematura de sua amada esposa Virgínia, é um tema recorrente em muitos de seus escritos, refletindo sua própria dor e desespero diante da perda.

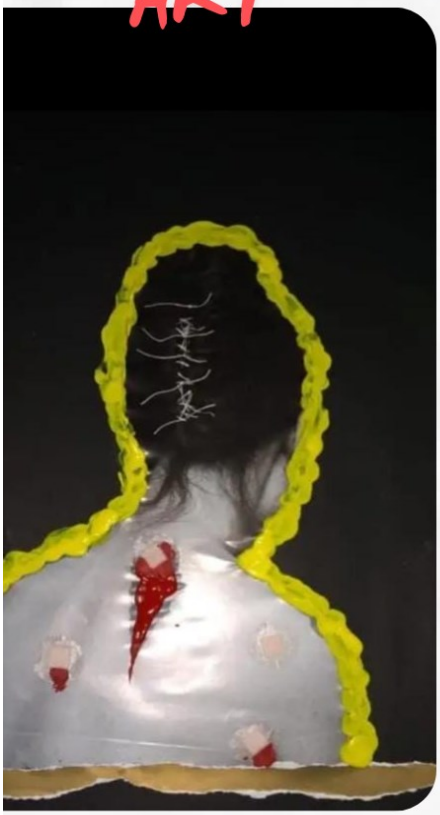
Contudo, apesar de toda a escuridão que permeia sua obra, há uma beleza singular nos escritos de Poe. Sua habilidade em pintar paisagens góticas com palavras, em criar atmosferas carregadas de tensão e em explorar os abismos da psique humana são testemunhos de um talento incomparável.

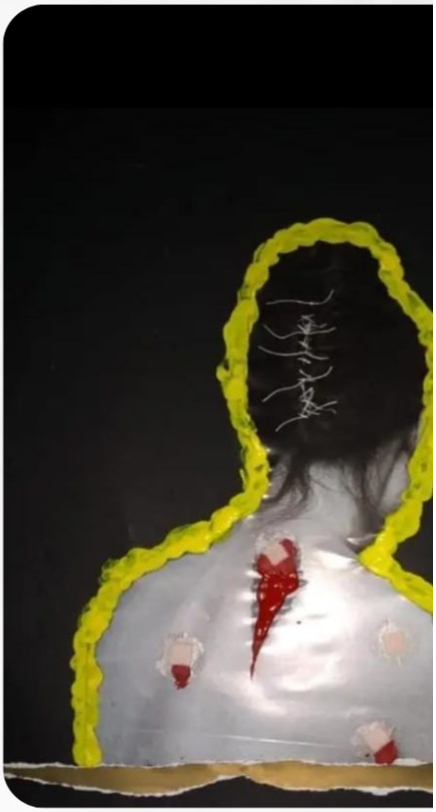
Assim, enquanto as sombras se alongam e o vento sussurra segredos antigos, lembramos com reverência e fascínio do legado deixado por Edgar Allan Poe. Seus contos e poemas continuam a nos assombrar, desafiando-nos a explorar os recantos mais sombrios de nossa própria imaginação, pois como disse o próprio Poe, “Todos nós temos monstros dentro de nós, basta apenas despertá-los”.

Marcos Abreu é poeta e escritor. Autor das obras: "Poesias de um Poeta Louco" (1995), "Nas Teias da Poesia" (1997), "Retalhos Poéticos", "A Revolução Humana" (2011), "O Rouxinol e a Rosa", "A Coisificação da Sociedade na pós-modernidade", "Versos de Ouro". Antologias: “Poetas da Praça do Ferreira” (2018), "Amor, Música e Poesia". Romance: "O Louco e o Estado”.

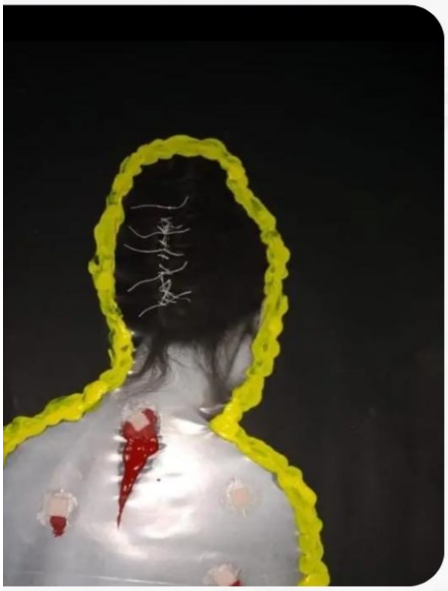
COLLAGE ART

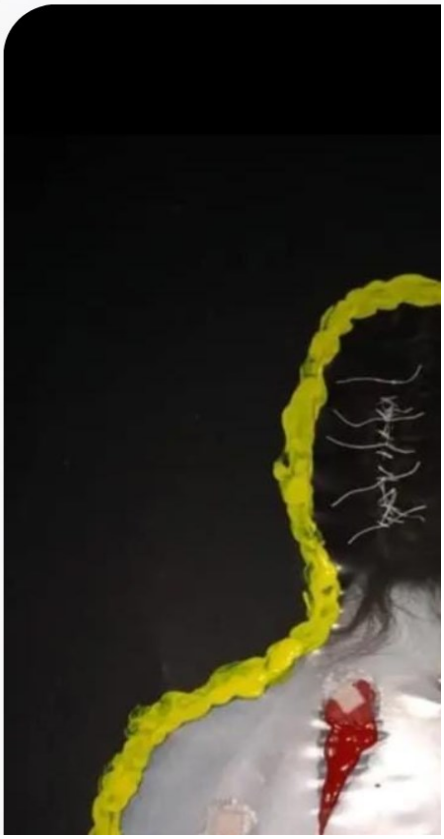
FEMINICÍDIO





Beny Barbosa, natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e mestrando em políticas públicas. Professor e militante dos Direitos Humanos. Escreve contos e poemas desde a adolescência. Participa de festivais de literatura e de antologias. Em 2021 publicou o seu primeiro livro solo, TEMPOS DE CHUMBO, que aborda a questão da ditadura militar no Brasil. É também arte colagista. A poesia é a voz da alma!





MANOEL DE BARROS: UM POETA INCOMPLETO

Luciana Bessa

Um dos mais importantes poetas do século XXI, Manoel de Barros, cujo quintal era maior do que o mundo, nasceu no dia 19 de dezembro de 1916, em Cuiabá, Mato Grosso. Tinha no Pantanal a sua poesia e na Natureza sua inspiração.

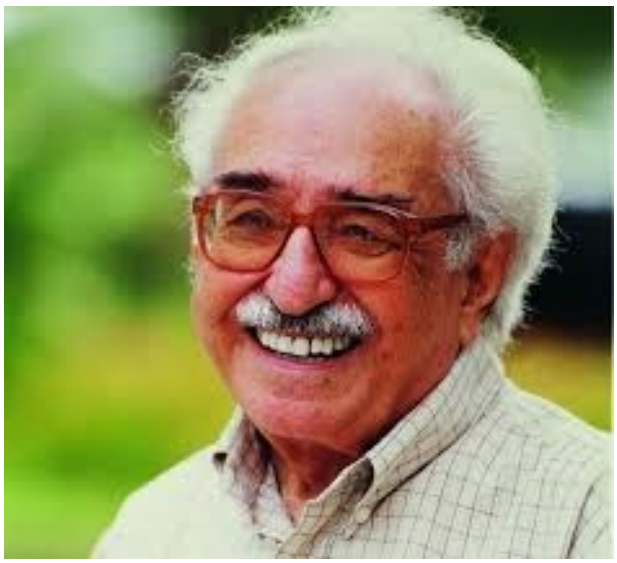


Foto: Divulgação

De tão apropriado da linguagem, Manoel de Barros passou a brincar com ela e com as palavras, criou um vocabulário próprio - "madruguenta, coisal, pedral, empoema, desacontecem" - ressignificando o poema em si, estabelecendo relações entre as palavras e as coisas.

Não é à toa que recebeu o Prêmio Nestlé de Literatura pelo **Livro do Nada** (1996), cujo título foi extraído de uma frase do romancista francês Gustave Flaubert: "sempre desejei escrever um livro sobre nada". Trata-se de uma obra que descontrói a linguagem para reorganizar um universo singular e expressar sua adesão a tudo que não tem importância, ou que simplório, ou que é solitário, ou que é inútil, afinal de contas, "A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um/ sabiá/mas não pode medir seus encantos". A poesia, sim!

Como ele mesmo explica ao leitor, "o 'nada' do meu livro é nada mesmo", além disso, deixa claro que dentre todos os gêneros literários, a maneira mais séria de "não dizer nada", "só a poesia é verdadeira", já que ela é sentimento, não entendimento.

Conhecido como "poeta das infâncias" em virtude de sua trilogia **Memórias inventadas** (2005, 2006, 2007), Manoel de Barros criou uma obra ímpar dentro da literatura brasileira capaz de levar o leitor a compreender que a grandeza está nas coisas pequenas da vida.

Considerava-se um homem abastado por ser possuidor de uma família (Stella Barros, esposa; Marta, Pedro e João Barros, filhos), por escrever e por ser incompleto. Não gostava de pensar na imagem de um trem sobre os trilhos, porque seguir sempre na mesma direção lhe era agoniante. Talvez por isso se considerasse como a água que "corre entre pedras". A liberdade, a fluidez e a simplicidade eram os elementos bases de sua essência.

A espontaneidade com que gostava de ler as palavras ainda na infância e tempos depois em sua escrita, fez Manoel de Barros rebelar-se contra o maior orador em Língua Portuguesa - Padre Antônio Vieira. Este, um gramático; aquele, um encantador da palavra.

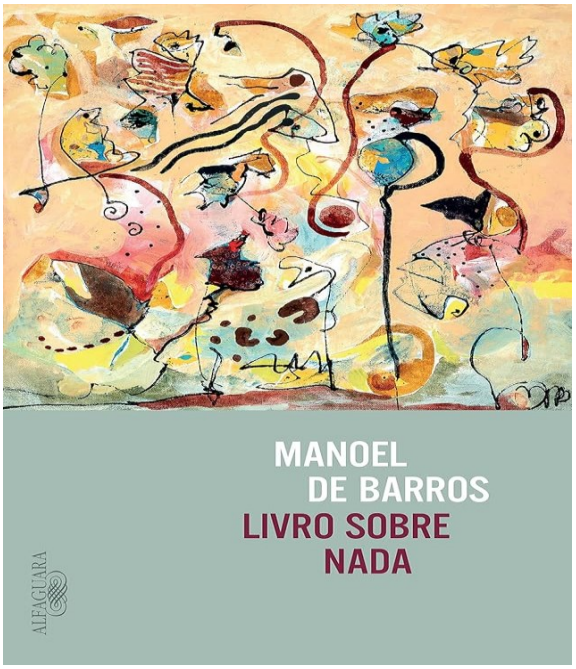


Foto: Divulgação

O poeta, que “bem entendia o sotaque das águas”, era defensor de uma linguagem preocupada com a verdade e não com os elementos sintáticos, e quando descobriu com Arthur Rimbaud que podia “misturar todos os sentidos”, criou **Arranjos para assobio** (1980), guardou água, na obra **O guardador das águas** (1989), Prêmio Jabuti, cativou vocábulos, no livro **Encantador de palavras** (2000) e atiçou o amanhecer em **O fazedor de amanhecer** (2001) etc.

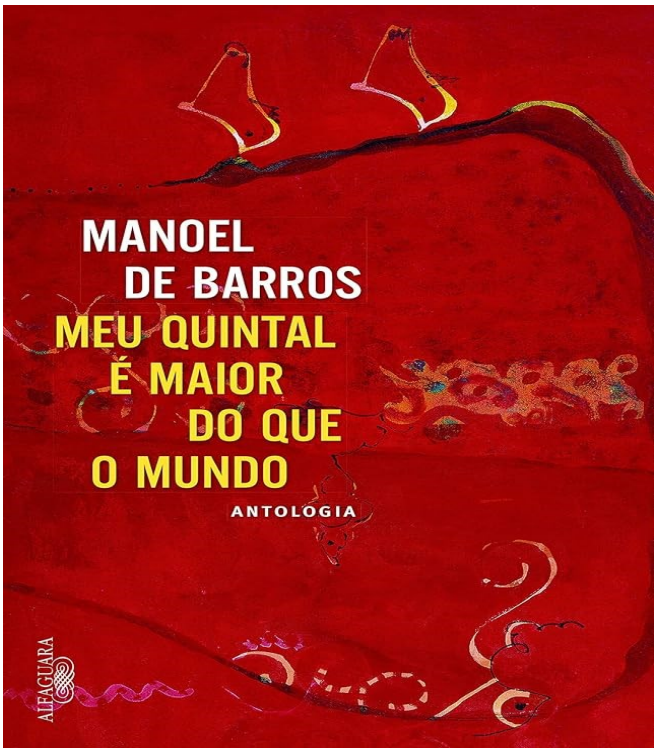


Foto: Divulgação

Não admitia ser um sujeito daqueles que abrem portas, puxava válvulas, olhava o relógio e comprava pão no mesmo dia e horário. Era enfático ao dizer: “... eu preciso dos outros”. É com o outro que nos humanizamos, nos fortalecemos e aprendemos que escutar o silêncio é divino; viver sozinho é amargar na solidão, sentir o gosto ácido das palavras e se perder no labirinto da existência.

Estreia na literatura somente em 1937 com **Poemas concebidos sem pecado**, em uma tiragem artesanal de vinte exemplares organizada pelos amigos, porque perdera seu primeiro livro - **Nossa Senhora de minha escuridão**, que foi apreendido pela política depois d’ele ter grafitado a frase - “Viva o Comunismo” em uma estátua da União da Juventude comunista.

“Ele me coisa/ Ele me rã/ Ele me árvore”, assim era Manoel de Barros, um **Menino do Mato**, em alusão a sua obra de 2010, que dava beleza as coisas que não existiam, que criava sapos para engolir a aurora, que desenhava o cheiro das árvores, que fazia **Ensaios fotográficos** (obra dos anos 2000), que se tornou ateu depois de ingressar na escola, que se decepcionou e rompeu com o Partido Comunista, quando Luís Carlos Prestes resolveu declarar apoio ao Getúlio Vargas, o homem que o deixou sem voz durante dez anos.

Ele, Manoel de Barros, me transpassa com seus (des)limites, (des)começos, por sua capacidade inventiva - “Tudo que não invento é falso” - por apreender e ressignificar o sentido das coisas, sua crença de que a criança e a poesia fazem o verbo poético “delirar”. Seus versos interrogativos me dão a certeza de que a incerteza aproxima criador e criatura, posto que somos humanos e duvidar é preciso e poético.

Luciana Bessa - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará e membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

TRIBUTO AO POETA MANOEL DE BARROS

Marcondes Jamacaru

O meu livro ***A colecionadora de vaga-lumes*** [2021], publicado pela Caravana Grupo Editorial, sofreu forte influência do poeta mato-grossense Manoel de Barros, que faleceu no dia 13 de novembro de 2014, aos 97 anos.

Foto: Divulgação

Vencedor do Prêmio Jabuti [1995] e autor das obras *Gramática expositiva do chão [1966], O livro das ignorãças [1993] e Livro sobre nada [1996],* Manoel de Barros é o mais aclamado poeta brasileiro da contemporaneidade nos meios literários.

Após a publicação de *A face imóvel* [1942], "sua poesia passa a ter como 'pano de fundo' o pantanal, indo sua temática, porém, para muito além do paisagismo inócuo. Nesse universo adâmico em que os poemas se plasmam, por meio de sua natureza e de seu cotidiano, a linguagem poética procura transformar em tátil, olfativo, visual, gustativo e auditivo aquilo que é paradoxalmente abstrato." {Fonte: Wikipédia}

Para que os leitores tenham uma noção precisa da minha admiração pelo poeta do pantanal, transcrevo do livro ***A colecionadora de vaga-lumes*** alguns poemas que dialogam com o universo de Manoel de Barros:

I

trazia desenhado no sorriso
o cheiro das coisas visitadas pela eternidade

passava tardes inteiras
rabiscando o voo das gaivotas no azul do céu

tinha abundância de diálogo com as manhãs
fazia amizade com os seres desimportantes

trilhava absurdas distâncias todos os dias
ouvindo as cigarras nas cascas das árvores

II

sentia-se livre
para conversar com o silêncio

desenhava em seu caderno
todas as tonalidades das cores

não se cansava de ler manoel de barros

sonhava que era poesia
para voar fora do próprio casulo

III

lembrava-se cada vez mais
das coisas que não haviam acontecido

usava a imaginação
para fixar o absurdo divino das palavras

enxergava nas imagens do cotidiano
a fotografia dos momentos
substituindo os despropósitos da vida

Marcondes Jamacaru é graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará [UFC]. Leciona português e literatura no ensino médio. Escreve poemas, contos e crônicas. Tem 12 livros publicados e participou de diversas antologias. Foi vencedor do 4º Campeonato de Microcontos da Editora 3 Serpentes. O autor aborda em seus textos temas como a infância e o cotidiano. Explora também questões existenciais. Sua escrita sofreu influência dos autores Guimarães Rosa, Cecília Meireles e Manoel de Barros. Merecem destaque as obras: O labirinto das memórias [2021], A colecionadora de vaga-lumes [2021], Os pequenos gestos [2022], Imagens [2023], O homem de sapatos amarelos [2024] e As memórias roubadas [2024].

A CRIANÇA INTERIOR DO POETA

A Manoel de Barros

Marla Gomes Lima

No bosque encantado, o pequeno sonhador Manoel de Barros perguntou: — E se o vento sussurrar segredos para uma flor? Uma anciã sábia, de olhos cansados, calou-se.

"A Infância que Sou" (2024) é uma pintura em tinta guache de autoria de Marla Gomes Lima, que explora temas ligados à infância e suas vivências. Telefone para contato (85) 9 9212 2218.

O menino, inquieto, continuou: — E se o vento, distraído, contar histórias de estrelas para uma rosa adormecida?

A sábia anciã, de cabelos prateados, sorriu com doçura e pensou: Será que os murmúrios do vento não são as canções mais doces da natureza? Será que os encontros entre o invisível e o delicado não são a essência da poesia?

Ela se lembrou de dias passados, quando também se perguntava: Será que a brisa não desenha versos no ar enquanto balança as folhas? Será que o abraço de uma folha e um raio de sol não é mais sublime do que mil certezas?

Manoel de Barros, agora com olhos brilhantes, imaginou: E se o rio, ao encontrar uma pedra, lhe contar sobre o mar distante? E se a pedra, em sua quietude, sonhar em ser uma estrela-cadente, guiada pelo rio?

A sábia, saindo do silêncio, refletiu profundamente: Será que o destino das coisas não é traçado pelos sonhos que ninguém ousa sonhar? Será que as perguntas mais inocentes não revelam as verdades mais profundas?

E naquele instante, o menino compreendeu: A poesia mora nos mistérios, nos encontros impossíveis, nas conversas silenciosas entre o mundo e o coração. E assim, o bosque permaneceu em um eterno diálogo, onde tudo e todos dançavam na melodia da imaginação.

Pequeno resumo da obra "A Infância que Sou" (2024).

A obra apresenta um jogo vibrante de cores, com formas arredondadas em tons variados, que se sobrepõem e interagem, criando uma sensação de movimento e energia. A composição é pontuada por figuras negras que evocam elementos da infância, como ursinhos, que contrastam com o fundo colorido e conferem profundidade à imagem. As formas circulares multicoloridas simbolizam a diversidade de experiências e emoções da infância, enquanto as figuras em preto parecem representar aspectos mais enigmáticos ou introspectivos dessa fase da vida. A presença de uma pequena planta no centro da composição sugere crescimento e desenvolvimento, temas intrinsecamente ligados à infância. A escolha do título, "A Infância que Sou", sugere uma reflexão íntima sobre as lembranças, vivências e a identidade formada durante a infância. Essa pintura pode ser vista como uma exploração poética e visual das memórias e do impacto duradouro que essa fase da vida tem sobre o indivíduo.

Marla Gomes Lima é atriz, contadora de histórias e professora pedagoga na rede pública municipal de Fortaleza, atuando na educação infantil. Especialista em coordenação pedagógica (UniBF), licenciada em Teatro (IFCE) e mestranda em Artes (IFCE), ela é Arte Educadora no projeto Visão Sonora, que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Marla também escreve dramaturgias teatrais, paródias, músicas e poesias, além de gostar de pintar de forma intuitiva.

TRATADO DE TRANSVER HORIZONTES

Maria Clara Moura Santos

Existe um abandono no meu amanhecer.
Ele vive entre a nascente e o bueiro.
O vejo passar todo alvorecer pela tapera que abriga o Sol. (O Sol é só desabrigo).
Seu criador, feito de barro, me revisita horizonte após horizonte.
Ele tem medo de viver escurecido.
Segundo suas desanálises, a noite abriga a solidão e o dia, a indiferença.
Só o ínfimo é matéria de grandeza. Diz que é feliz junto das andorinhas e dos trapos.
E se voou todo de trapos.

Maria Clara Moura Santos, estudante secundarista, cheia de desvios revolucionários, de olhar varado de poesia, que encontrou em Manoel de Barros a importância dos inutensílios, a grandeza do ínfimo e o apogeu do chão. Para além disso, é versada em tudo que não dá dinheiro e em tudo que dinheiro não dá. Talvez caiba dizer que vem de São Luís do Curu. Vem? Ainda está. Melhor talvez nem dizer.

MANOEL DE BARROS: O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA

José Roberto Morais

Manoel de Barros.
Foto: Reprodução

I – O POETA PANTANEIRO

Manoel Barros nasceu
Em Cuiabá, capital
Parte da infância viveu
Na fazenda, Pantanal.
Era ali localizada
Sua casa de morada
Onde ele alegre vivia;
O menino aventureiro
Nesse solo pantaneiro
Cercado de poesia.

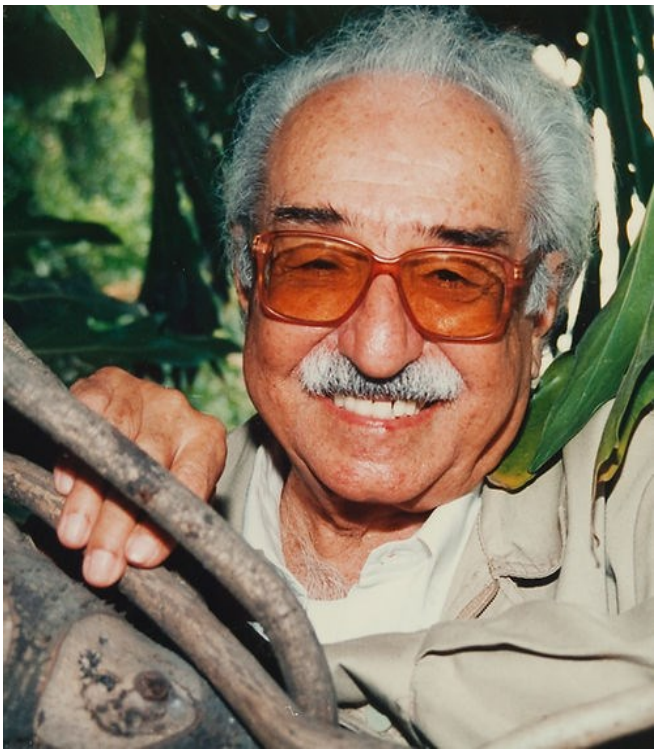
Na adolescência mudou-se
Campo Grande seu destino
Pelo sonho aventurou-se
Aquele simples menino.
Surgiu no colégio interno
Esse poeta moderno
Começou as produções;
Mergulhou fundo nos versos
Construiu mundos diversos
Com lindas composições.

Seus “Poemas Concebidos
Sem Pecados”, publicou
Dos amores preferidos
Com a Stella se casou.
Gerou Pedro, João e Marta
Sua produção tão farta
Foi no mundo literário;
Nos versos foi menestrel
Em Direito, bacharel
Seguiu seu itinerário.

Ganhou “Prêmio Jabuti”
Pela ótima produção
No mundo fora e aqui
Veio a consagração.
“O Guardador de Águas”,
Foi para sua obra frágua,
“Fazedor do Amanhecer”;
O poeta pantaneiro
Fez seu verso derradeiro
Ao ver a noite descer.

II – O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA

Conheci o menino que carregava água na peneira em 2003. Na época, eu cursava a 6ª série (atual 7º ano) do ensino fundamental na Escola Francisco de Assis Leite, em Salitre (CE). Ganhei cinco exemplares da coleção “literatura em minha casa” composta por obras de poesias, contos, novela, clássico literário e teatro.



Manoel de Barros
Foto: Reprodução

Nas primeiras páginas da leitura de “Palavras de encantamento” (volume 1), deparei-me com Manoel de Barros que afirmou que ter “um livro sobre águas e meninos”, mas que gostou “mais de um menino que carregava água na peneira”.

A leitura desse poema despertou minha paixão pela poesia. E dois anos depois comecei a produzir meus poemas. Assim, como Manoel de Barros, a inspiração vinha de eventos simples do cotidiano. E se Manoel “roubava um vento e saia correndo com ele para mostrar aos irmãos”, eu também aprendi a “catar espinhos na água e criar peixes no bolso”.

A criatividade do menino Manoel era evidente. Por ser “ligado em despropósitos, quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos”. Também começou a fazer peraltagens com as palavras. Modificou a tarde botando uma chuva nela e interrompeu o voo de um pássaro botando ponto no final da frase.

Manoel fazia prodígios com as palavras. Fez uma pedra dar flor! Seus poemas infantis, encantam pela simplicidade vocabular permeada de figuras de linguagens. As comparações e metáforas enriquecem a narrativa numa prosa poética leve que prende a atenção do leitor.

Aprendi a usar as palavras também. Comecei a gostar mais do vazio do que do cheio. Percebi que, assim como Manoel de Barros, vou carregar água na peneira a vida toda, pois “o mundo que eu crio na escrita compensa o que o mundo real não me oferece e eu preciso manter o espírito de revolta vivo em mim.”

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Colunista da Revista Sarau. Autor dos livros: “50 Sonetos”, “Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas – uma análise sociológica”, “Fantástico Mundo da Leitura” e “Veredas do Cordel”; e coautor em “Antologia Poética Escritores do Cariri”, “Somos Escritores – jovens que escrevem”, “Patronos II”, “Vestígios de Amor” e na Antologia “Vida em Poesia”.

MANOEL DE BARROS

Rai Albuquerque

Manoel de Barros
com sua visão voltada para o chão,
observava as coisas miúdas,
aprendendo muito com elas.
Os caracóis lhe ensinaram
a morar dentro de si.

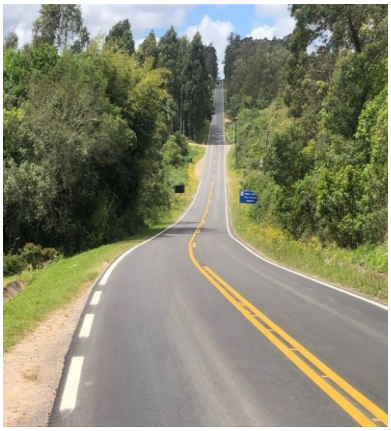
Aprendeu a liberdade com os passarinhos.
Conseguiu até ouvir sua cor!
O seu quintal, na infância,
era maior do que o mundo!
Era lá que brincava com os irmãos
com coisas sem importância:
Latas velhas, pedras, pregos enferrujados.

Mais tarde perceberia
que estas coisas serviriam apenas para poesia!
Conheceu com profundidade
as palavras.
Fez com elas peraltagens!
Desordenou, inventou,
reinventou,
fazendo poesia.
Alegrando os seus dias
e encantando aos que seus versos conheciam.

Rai Albuquerque mora em Fortaleza, Ceará. Graduada em Letras, com pós-graduação em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Ceará. É professora, aromaterapeuta e poeta. Tem publicações na Revista Sarau e em diversas antologias.

ESTRADA

Sandra Fontenelle



O que é uma estrada?
Pode ser um elo,
pode ser uma separação.
Uma estrada é, antes de tudo, uma possibilidade!
Estrada em linha reta, que faz chegar ao céu.
Estrada em linhas curvas, que é uma incógnita
e que não sei onde vai dar.
Uma estrada exige um olhar atento
e uma disposição de alma!
Uma estrada é o fluido e ilusório.
Uma estrada é o permanente e real.
Ao trabalho, ao lazer, à aventura, ao acolhimento: sempre uma estrada!
Uma estrada é uma promessa.
Uma estrada é uma desilusão.
Uma estrada se faz com ciência e tecnologia.
Uma estrada se faz com sonho e vontade.
Uma estrada inspira liberdade.
Uma estrada inspira medo.
Uma estrada é Norte, Sul, Leste e Oeste.
Uma estrada é o contingente e necessário.
Uma estrada é o fim, o meio e o começo.

Sandra Fontenelle é natural de Senador Pompeu-CE e vive em Fortaleza. É escritora, fotógrafa e jornalista por formação. Tem oito livros publicados e participação em várias antologias nacionais de crônicas, contos e poemas. É uma das vencedoras do Prêmio Off Flip de Literatura de 2022, na categoria crônica.

A POESIA DO COTIDIANO: ENTRE PALAVRAS E A NATUREZA

A MAGIA NAS PALAVRAS DE MANOEL DE BARROS: O POETA QUE ENCONTROU BELEZA NAS COISAS SIMPLES

Élcio Cavalcante

Manoel Wenceslau Leite de Barros, um dos grandes poetas brasileiros do Século XX, nasceu em Cuiabá – Mato Grosso, em 19 de dezembro de 1916 e faleceu em Campo Grande – Mato Grosso do Sul, em 13 de novembro de 2014. Sua obra é marcada por uma linguagem única e uma profunda conexão com a natureza e o cotidiano. Manoel de Barros se destacou por seu olhar sensível sobre o mundo, utilizando palavras simples para descrever a beleza do que muitas vezes passa despercebido.

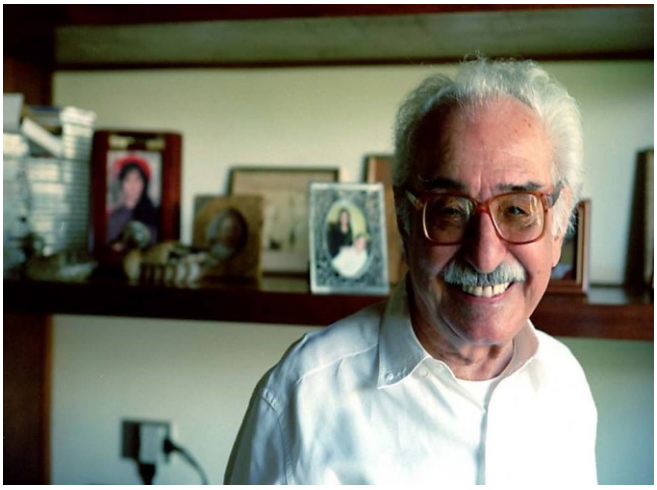


Foto: Divulgação

A poesia de Manoel de Barros é importante por várias razões. Primeiro, ele revaloriza o cotidiano e as pequenas coisas da vida. Em seus poemas, encontramos referências a elementos da natureza, como pássaros, árvores e rios, que são tratados com uma delicadeza poética que revela sua essência. Essa abordagem nos convida a olhar com mais atenção para o nosso entorno e a valorizar o que é simples, mas significativo.

A poesia de Manoel de Barros quebra convenções literárias ao utilizar uma linguagem quase coloquial. Ele brinca com as palavras, criando neologismos e metáforas inusitadas que desafiam o leitor a repensar a forma como se relaciona com a linguagem. Essa inovação não apenas enriquece a poesia brasileira, mas também democratiza o acesso à literatura, tornando–a mais próxima do povo.

Outro aspecto fundamental da obra de Manoel de Barros é sua reflexão sobre o ser humano e sua relação com o mundo. Em seus versos, ele explora temas como a solidão, a memória e a busca por sentido na existência. Sua poesia nos leva a questionar nossa própria vivência e nos incentiva a encontrar beleza até nas experiências mais dolorosas.

O magnífico poeta Manoel de Barros deixou um legado duradouro na Literatura Brasileira. Suas obras são estudadas e admiradas não apenas por sua estética singular, mas também pela profundidade de suas reflexões. Ele nos ensina que a poesia pode ser um meio poderoso de conexão com o mundo e com nós mesmos.

O escritor, Manoel de Barros é um poeta que transcende gerações. Sua capacidade de transformar o ordinário em extraordinário faz com que sua poesia continue relevante e inspiradora para leitores de todas as idades.

Dados sobre Manoel de Barros

1. Biografia Breve: nasceu em 19 de dezembro de 1916, em Cuiabá, Mato Grosso. Ele cresceu em um ambiente rural, o que influenciou profundamente sua obra. Formou-se em Direito, mas nunca exerceu a profissão, dedicando–se inteiramente à literatura. Sua vida foi marcada por uma busca incessante pela beleza nas coisas simples e pela reflexão sobre a existência humana.

2. Características da Poesia: “Linguagem Simples”: Ele utiliza palavras do cotidiano, o que torna seus poemas acessíveis. **“Neologismos”:**

Criação de novas palavras e expressões que desafiam a lógica convencional. **“Imagens da Natureza”:** Frequentemente retrata elementos naturais, enfatizando a relação íntima entre o ser humano e o meio ambiente. **“Ironia e Humor”:** Sua escrita muitas vezes apresenta um tom leve e brincalhão, mesmo quando aborda temas profundos.

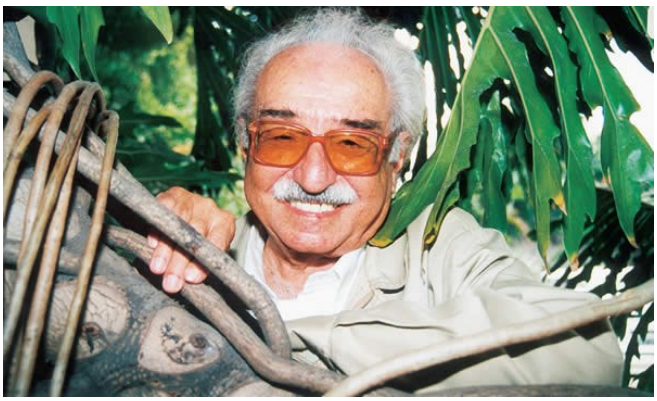


Foto: Divulgação

3. Temas Principais: “A Natureza”: Aflora a beleza do que é natural e simples. **“A Memória”:** Reflexões sobre o passado e como ele molda a identidade. **“A Solidão”:** Uma busca interna que ressoa com muitos leitores. **“O Cotidiano”:** Valorização do que é comum e muitas vezes ignorado.

4. Contribuições para a Literatura Brasileira: Manoel de Barros é considerado um dos pioneiros do “poema visual” e da “poesia concreta”, influenciando gerações de poetas. Seus trabalhos são estudados em escolas e universidades, e ele recebeu diversos prêmios ao longo da vida, incluindo o Prêmio Jabuti.

5. Legado: O legado de Manoel de Barros vai além de sua obra literária; ele nos ensina a olhar o mundo com um olhar mais atento e poético. Sua capacidade de encontrar beleza nas pequenas coisas nos inspira a sermos mais sensíveis às sutilezas da vida.

Em síntese, Manoel de Barros é uma figura central na poesia brasileira, cuja obra transcende o tempo e as gerações. Sua capacidade de transformar o cotidiano em poesia e de valorizar a natureza e as pequenas coisas nos convidam a um olhar mais atento e sensível sobre o mundo. Ao brincar com as palavras e explorar temas profundos como a solidão e a memória, ele nos ensina que a beleza pode ser encontrada em qualquer lugar, desde que tenhamos disposição para vê-la. O legado deixado por Manoel de Barros é uma rica herança que continua a inspirar leitores e escritores, reafirmando a importância da poesia como um meio poderoso de expressão e reflexão. Assim, sua obra permanece viva, desafiando–nos a redescobrir a magia do simples e a profundidade do ser humano.

Élcio Cavalcante é formado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, no Curso de História, trabalhou na FIEC - SESI - SENAI, leciona História na Rede Pública e Privada no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

ARTE VISUAL

INCÊNDIO CRIMINOSO

Nanquim aguada sobre papel couchê

CARLOS NASCIMENTTO

Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.

ATRAÍDOS PELA ARTE, CONDENADOS PELO VÍCIO

Ivan Melo

Se um cidadão comum encontrasse ali, na praça, o poeta Mário Gomes veria tão somente um homem bêbado, curvo, vestido em um terno surrado, com palavras e gestos agressivos. Certamente ele nada veria além de um excêntrico morador de rua. Por outro lado, se o mesmo transeunte fosse um leitor, um entusiasta da literatura cearense ou um aspirante a poeta, a tendência seria que ele conseguisse enxergar, naquele homem torto, um poeta talentoso, injustiçado e merecedor da atenção de seus pares.

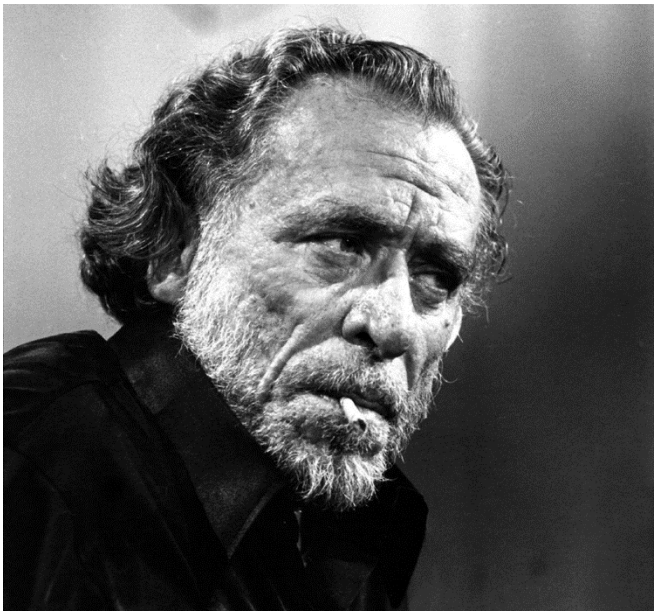


Foto: Divulgação

Possivelmente ele buscaria algum nome da literatura nacional ou estrangeira que apresentasse qualquer característica, biográfica ou artística, comum às daquele poeta recém-descoberto. Ele passaria a tecer comparações entre os tais. Ao descobridor de Mário Gomes, o poeta andarilho, bêbado, excêntrico e louco, que vivia na Praça do Ferreira, no centro de Fortaleza, à margem da sociedade, o lugar comum seria compará-lo ao poeta norte-americano Charlie Bukowski, que também era bêbado e um poeta, romancista e contista de primeira linha.

Descobri Charlie Bukowski muitos anos atrás quando, numa madrugada de insônia, assisti, na tevê, ao filme “Barfly - Condenados pelo vício”. Adepto da literatura e dos filmes “noir”, logo me interessei pelo filme. Tratava-se da história de Henri Chinaski, um bêbado e escritor que morava em um hotel decadente e passava seus dias e noites num bar também decadente, frequentado por pessoas desprezíveis. Eles protagonizaram diálogos e cenas envoltas em bebida e muitas brigas. O protagonista era Henri Chinaski, na verdade o alter ego do escritor Charlie Bukowski, representado pelo ator Mickey Rourke. Faye Dunaway interpretava Wanda, a editora de uma revista que publicaria os contos do escritor e pagaria o bastante para manter sua vida de bêbado. O casal vive um romance tórrido. O filme me motivou a conhecer aquele escritor depravado e a ler várias de suas obras.

Charlie Bukowski é um escritor americano, que na verdade nasceu na Alemanha, filho de um militar alemão com uma americana. Aos dois anos, mudou-se com os pais para os Estados Unidos. Viveu uma infância difícil. Sua mãe era conivente com os maus-tratos impostos pelo pai sádico e violento que o espancava sempre.

Para completar as agruras, acometeu-se de um rigoroso problema de pele (acne), que o levou a um inútil e doloroso tratamento médico. Isso o marcou para sempre, provocando-lhe. uma péssima aparência que o fez rejeitado pelas moças. Ele próprio se considerava um homem “desgraçadamente feio”. A rejeição o levou ao isolamento das bibliotecas e `a paixão pelos livros.

Dizia ele dizer que “Ser jovem, idiota, pobre e feio não contribui para fazer a vida parecer melhor.” Por volta dos dezesseis anos, começou a beber e caiu no vício que o acompanhou por toda a sua vida. Logo, além das bibliotecas, os bares também passaram a ser seus locais prediletos e mais frequentados.

Ao deixar a casa dos pais, exerceu trabalhos braçais em fábricas e depósitos para pagar o aluguel dos locais decadentes em que morava. Os empregos e as aventuras do autor são retratados principalmente em seus contos. As obras de Charlie Bukowski fazem parte de uma literatura marginal, independente, com uso de linguagem

simples, traços autobiográficos, personagens marginalizadas, realismo social, ausência de idealizações; objetividade, palavras de baixo calão e crítica à sociedade americana.

Após muitos anos de intenso consumo de álcool, Bukowski quase perdeu a vida, chegando a ser internado em 1955, devido a uma grave úlcera. Foi quando resolveu, então dedicar-se mais à literatura. Ele ainda era funcionário dos correios, mas em 1969, passou a se concentrar exclusivamente em sua arte, publicando em revistas e editoras pequenas. Isto o fez um autor conhecido por poucos e seletos leitores, mas ganhava algum dinheiro com as leituras de suas obras que fazia em universidades. Essa prática era comum na cultura estadunidense.

Foto: Divulgação

Já deste lado dos trópicos, nosso poeta marginal também caiu no vício da bebida e um dia, tal qual o poeta americano, saiu da casa dos pais para viver nas ruas. Literalmente. Adotou a praça como sua casa e seu escritório. Também chegou a ser internado. Não por uma úlcera, mas por complicações psiquiátricas. Era louco – e aqui não há concessão poética. Logo, um homem elegante, que usava ternos brancos, que brilhava nos saraus e cujo nome era referência nos meios intelectual e literário da cidade, tornou-se um maltrapilho, um rejeitado, pouco conhecido, doente, lembrado apenas por alguns não leitores, mas seletos escritores que lhe eram verdadeiramente amigos e por outros que fingiam ser amigos e buscavam promover-se através de uma falsa intimidade que mantinham com o velho poeta bêbado. Bêbado e louco, sim, como dita a figura idealizada de um poeta.

Se houver semelhanças concretas entre Mário Gomes e Charlie Bukowski, sem dúvida a primeira que salta aos olhos é o apreço à bebida. Eram dois poetas bêbados. Loucos? Sem dúvida o Poeta da Praça o era, Já Bukowski, não o diria tanto, a não ser que lhe valesse a alcunha coloquial de “doido sabido”. Ambos apresentam semelhanças na linguagem por vezes obscena, na crueza, na sexualidade explícita e até pornográfica de seus versos. Mário Gomes, porém, era um poeta insano, que não mais produzia e mantinha uma sobrevida pelo poeta que fora no passado, um fato por si só extraordinário. Por outro lado, o poeta americano manteve-se sempre vivo em sua atividade literária. Escreveu até o fim de seus dias e chegou a ser considerado um dos poetas mais provocativos e influentes do século XX.

Há quem diga que de poeta, bêbado e louco, todos têm um pouco. Diria de outra forma: que a arte atrai os excêntricos, os bêbados e os loucos. Bukowski, além de um poeta bruto de primeira grandeza, foi prolífico autor de contos e romances. Mário Gomes, o poeta bêbado e louco, será para sempre nosso eterno Poeta da Praça do Ferreira. Mário Gomes e Charlie Bukowski eram ambos poetas, ambos atraídos pela arte e condenados pelo vício.

Ivan Melo - é cearense, mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e professor de língua portuguesa e literatura. Está sempre mergulhado em alguma leitura e. Arrisca-se a escrever suas próprias histórias. Seus contos e crônicas já venceram alguns prêmios literários, como o Prêmio Unifor de Literatura e o da AJEB Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil). Atualmente, diverte-se escrevendo esporadicamente em seu blog **“A vida é crônica”:** www.avidaecronica.com.br

O ÚLTIMO ROMANCE DE CHARLES BUKOWSKI

Eduardo Fontenele

O romance “Pulp”, de Charles Bukowski, como o título evidencia, se trata de uma homenagem às histórias de detetive na linha de Dashiell Hammett e de Raymond Chandler.

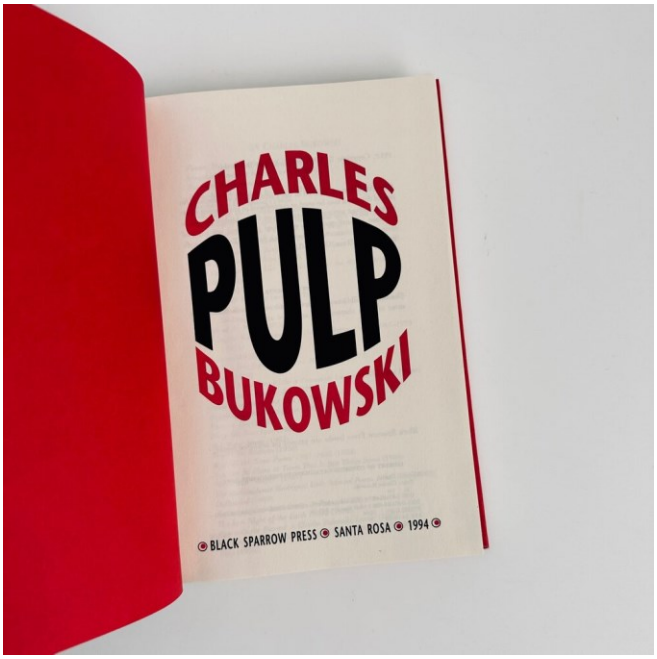


Foto: Divulgação

O romance “Pulp” foi o último livro publicado pelo autor ainda em vida. A morte espreita o alter ego de Bukowski a todo instante. Inclusive, ela até é uma personagem do livro. Ela é chamada de “Dona Morte”. O que se podia esperar de um livro de um homem às portas da morte, como Bukowski, seria algo depressivo, o que de fato é. Mas o autor manteve o bom humor de sempre, uma espécie de humor negro. Além do humor, também se pode esperar outra faceta de Bukowski, a de poeta. A poesia está presente no livro, principalmente no fim do romance, que é de uma beleza digna de aplausos.

O livro trata de vários casos envolvendo Nick Belane, alter ego de Bukowski. Ele está investigando um caso de adultério, envolvendo uma mulher atraente chamada Cindy Bass, também está à procura de um homem chamado Celine, como o escritor francês famoso Louis-Ferdinand Celine, que de fato existiu. Assim como também está em busca do Pardal Vermelho, ave que não existe no mundo real, e um caso envolvendo um homem atormentado por uma mulher alienígena chamada Jeannie Nitro. Isso mesmo! Bukowski não tem pudor em tratar de temas considerados “menores” pela crítica de literatura. Na página destinada às dedicatórias de “Pulp”, há a seguinte provocação: "Dedicado à subliteratura". Ele abraçou a ficção científica e a trama policial noir sem nenhuma preocupação com o fato de os críticos tratarem esses estilos de texto como algo desimportante, ou despretensioso ao extremo.

A Literatura Pulp, ou Pulp Fiction, era a literatura publicada em revistas com papel de baixa qualidade e comercializada a preços acessíveis. Os temas das histórias eram bastante variados, abrangiam a ficção científica, policial, noir, horror, fantasia, aventura, western, etc. O termo "pulp" se refere ao fato de que o papel utilizado nas Pulp Fictions era extraído das polpas das árvores, o que contribuía para barateá-lo. O auge da Literatura Pulp foi de 1920 a 1950.

Como falei, a morte está sempre presente no texto e fica rondando o protagonista a todo instante. Dona Morte contratou Nick para procurar por Celine, este aparece várias vezes na história, mas é escorregadio como sabonete molhado.

No decorrer da trama, é revelada a identidade de Celine porque Dona Morte está à sua procura. Belane se envolve superficialmente com várias das mulheres de seus casos, mas Bukowski parece mais contido neste livro. O autor está menos libidinoso. Talvez a proximidade da morte e a idade avançada tenham provocado uma mudança em seu caráter. O que não é mau. Apenas é um Bukowski diferente do que eu já estava acostumado a esperar de seus livros.

Belane, assim como Bukowski, bebe o livro inteiro. Ele sempre dá um jeito de dar uma escapada no decorrer da história para ir ao bar, ou bebe em seu escritório de detetive particular. Ele está sempre se envolvendo em brigas nos bares que frequenta, o que pode nos dar uma pista do que ocorria na rotina do autor. Não à toa, Bukowski gostava de se vangloriar de ser um cara durão, ou um “tough guy”, gíria criada nos Estados Unidos para seu tipo. Os durões são sujeitos que resolvem tudo com socos, bebem bastante, nunca

choram e se orgulham de serem essencialmente “machos alfa”, ou homens muito viris. Algo na linha do escritor norte-americano Ernest Hemingway, que Bukowski admirava. Os detetives Sam Spade e Philip Marlowe, criados por Hammett e Chandler, respectivamente, também se enquadram na definição de tough guys.

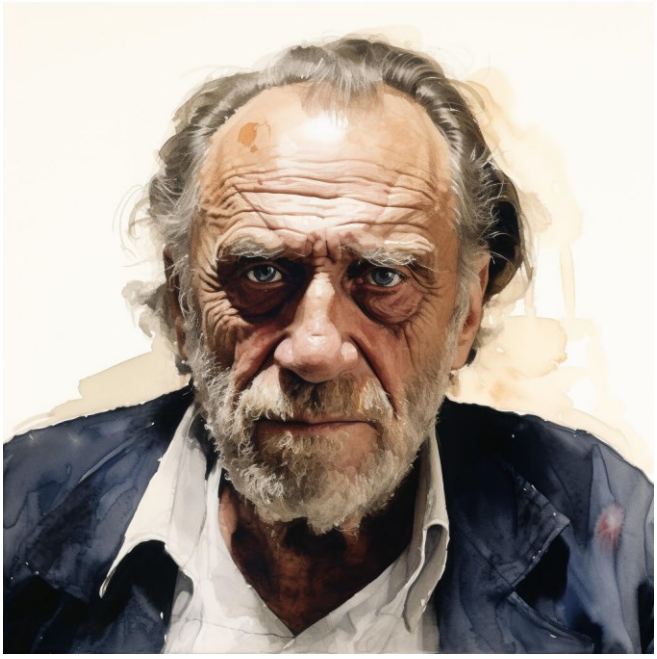


Foto: Divulgação

Macho alfa é o indivíduo que está no topo da hierarquia. Significa alguém agressivo, ousado, confiante, corajoso e líder por natureza. O termo surgiu na biologia, criado pelo norte-americano Lucyan David Mech, para se referir aos lobos líderes de suas alcateias.

Henry Charles Bukowski morreu em 1994, aos 73 anos, de leucemia. Era grande admirador de John Fante. O autor nunca aceitou o rótulo de “autor beat”. Ele sempre negou qualquer ligação com o trabalho de Jack Kerouac, William Burroughs e Allen Ginsberg. Ele está enterrado no cemitério da cidade de San Pedro, Califórnia. Em sua lápide pode-se ler a frase debochada “Nem tente”. Frase bem típica de quem foi o Velho Safado, apelido do autor devido à sua obra despudorada.

Mais um dado sobre a relação entre autor e obra, é uma grande mentira a frase famosa, supostamente dita pelo escritor e filósofo francês Jean-Paul Sartre, afirmando que Bukowski era “O maior poeta da América.” Sartre nunca disse tal frase. Supõe-se que tenha sido o próprio Bukowski, com seu espírito debochado de sempre, quem inventou a frase para se autopromover.

Sua obra foi majoritariamente autobiográfica, com exceção de “Pulp”, que possui um pouco mais de imaginação. Alguns dos principais livros de sua extensa obra são “Misto Quente” (1982), “Factotum” (1975), “Mulheres” (1978), “Cartas na Rua” (1971), “Numa Fria” (1983), “Sobre Gatos” (2015), “Notas de um Velho Safado” (1969), “Crônica de um Amor Louco” (1983), “O Amor é um Cão dos Diabos” (1977) e “Hollywood” (1989), que inspirou o clássico do cinema “Barfly - Condenados pelo Vício” (1987).

Eduardo Fontenele é contista e romancista cearense de Fortaleza. É associado da ACE (Associação Cearense de Escritores). Lançou seu primeiro livro de contos, "Abstrações" (Autografia/2017), na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, em 2017, e no Festival Vida & Arte (2018), organizado pelo Jornal O Povo. A partir de então, lançou "A Morte de Benjamin Siegel" (contos), “O Andarilho Participou” (conto - Coletânea "Cenas para Escrever Teus Olhos"). Participa da Bienal Internacional do Livro do Ceará em sua XIV edição, em 2022. Participou da Antologia "Noites de Horror", com o conto "Saint Germain" (2023), da Coletânea "Entre Vampiros", com o conto "Entre os Túmulos", e lança seu primeiro romance, "O Mártir Excêntrico", pela Caravana Grupo Editorial, ambos de 2024.

CARTA A UM VELHO SAFADO, QUE NÃO ENVIEI

Taynara Bezerra de Oliveira

Caro Bukowski,

Andei lendo muito você, lembro a primeira vez que tive contato com suas histórias, sua devoção às almas femininas é notória, isso me encantou e eu pude perceber quando li pela primeira vez “Mulheres”. Foi por aí que comecei a me envolver com cada situação inusitada e intensa vivida pelo velho Chinaski. O seu niilismo me comovia, e eu pensava comigo mesma, continuo com essa leitura que irá disparar gatilhos que podem me levar ao abismo? Eu disse sim. O adolescente quer descobrir de tudo um pouco, até mesmo o pior dos sofrimentos. Depois de “Mulheres” eu não parei jamais.

Foto: Divulgação

Queria dizer ao velho Chinaski que tivesse dado uma chance ao pobre pássaro guardado no seu peito, mas ele o matou de tanta fumaça e cachaça, não foi feliz, tentou, mas não acreditou em si, deixou o medo que assombrou toda a sua miserável infância vencer. Em “Misto Quente” foi que entendi o porquê de tanto pessimismo. Você escreveu muitas derrotas e muitos momentos infelizes, mas não te julgo, Buk, pois se não for para continuar até o fim, melhor nem tentar, não é mesmo?

Em meio a tantos poemas, tantos contos e tantas frases, eu encontrei em um de seus títulos um escape: “Escrever para não enlouquecer”. Não enlouqueci, ainda.

Sabe, Buk, eu vivi muitas vezes no silêncio, calada, ouvindo as pessoas me questionarem esse silêncio. Quando, na verdade, eu queria mesmo falar, mas não um monte de baboseiras. O que quero dizer são palavras não ditas, aquelas que guardo dentro de mim e sinto um medo enorme delas saírem e destruírem a imagem forte que criei de mim mesma. Não que seja vergonhoso sentir, mas sentir me dá medo. Então descobri que escrever é uma forma de falar e me sentir aliviada de tanto sentimento preso. Eu devo ter escrito umas bilhões de vezes, em bilhões de papéis diferentes, sacos, sacolas, cadernos, e-mails, notas de celular, post-it, qualquer espaço em branco que eu podia rabiscar, o quanto eu vivi sempre à beira de quase dar certo em vários aspectos de minha vida. Buk, em algum minuto eu acreditei ser minha culpa não conseguir fechar alguns ciclos, em outro minuto eu preferi acreditar que foi obra daquele que chamamos de destino. Nunca tive uma vida maravilhosa, e ler você me fazia sentir que nem todos vivem vidas maravilhosas, afinal, “precisamos de um herói para proteger os derrotados” e depois que as cortinas se fecham, é você com seu amargo na boca. Vivemos fases, e elas são grandes montes, aos quais precisamos escalar para poder ver um lindo pôr do sol, ou não.

Foto: Divulgação

Buk, minha adolescência foi ouro, tudo colorido, maravilhoso, altas descobertas, paqueras, festas, zero preocupação, uma grande coleção de livros seus. Muitas vezes, solidão, outras, uma sala cheia, galera para a curtição. Costumo comparar essa fase com uma longa tragada de um beck, e um gole de cerveja gelada, uma sensação de estar no alto, de um imenso prazer, misturado com euforia, ALEGRIA. Mas isso passa, e bem rápido se você quer realmente saber. E a vida adulta então chega, queria pular para outra parte, porque a vida adulta é para quem 'aguenta a sobrecarga psíquica". Profundidade de abismos que você precisa escalar para poder ver o topo, e eu estou longe dele, mas sigo tentando, e cada escalada é uma escorregada de mão. Quando você acha que está quase lá, você simplesmente escorrega para o final do abismo. Há quem discorde. Mas acho que essa pessoa talvez não tenha vivido de lutas, e, se viveu, esqueceu de estar no pico da montanha. E é nessa fase da vida que você vai olhando para baixo, e querendo se soltar de vez, uma vez que nada é do jeito que você imaginou, nem as pessoas que estavam lá se lembram da fase maravilhosa, "a adolescência"? Lá você criou expectativas, fez planos, grandes sonhos, contou com seus amigos para essa jornada. Sonhou em ser escritor. Eu posso, eu conquisto. Então, deixa eu te contar, muitos se perderam lá, tomaram novos rumos quando entraram na fase adulta, mudaram de opiniões, de casa, de cidade, perderam contato, laços. E o escritor? Morreu por lá também. Se sufocou dentro de sua própria gaiola. E quando paramos para buscar esses sonhos, essas realizações, nos damos conta de que estávamos perdidos em meio a outra realidade. Tudo se foi, pois tudo passa, tudo muda. O adulto tem lá suas paranoias, e quem não tem?

Um dia me peguei pensando na rotina:

Logo cedo, mais um dia, um dia como outro qualquer. Levantou-se cedo, preparou tudo para ficar tudo no jeito. E o seu pensamento acelerado, com seu corpo vivendo no automático. Fez toda aquela repetição sagrada da semana, correu, chegou a tempo. Beijou, até mais tarde! Ligou o som no máximo e correu também o máximo que podia. Será se isso realmente um dia vai mudar?

Tudo igual, tudo sempre igual. E se fosse diferente? E se os planos tivessem dado certo? Eu quase acreditei que daria.

Passou o dia na mesma rotina. Chegou a noite, tudo exatamente igual, desceu a ladeira com o peso e as lágrimas nos olhos, abriu o portão de sua casa, como se fosse o portão de sua dor, viu tudo que estava guardado dentro de si, desabou ali mesmo nas escadas e se despedaçou.

E é se espelhando na falta de tudo e de muitos, e principalmente na falta de coragem para falar o que sinto, que eu resolvi escrever essa carta que nunca te enviarei.

Pois tudo muda, tudo se vai, as pessoas também. Talvez eu repita a frase, escrevendo para não enlouquecer. E não enlouqueci, eu acho.

Queria te dizer que estou decepcionada com o mundo e comigo, e acredito que estaria também, se pudesse ver como tudo anda um caos. " A vida se torna menos e menos vida assim que cada momento cai sobre outro momento como folhas secas".

E eu queria viver eternamente dentro do conto "Animal crackers in my soup".

Ps. Os pássaros que sufocamos na gaiola podem ser substituídos depois.

Taynara Bezerra de Oliveira. Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri - URCA, cearense e apaixonada por literatura.

A LITERATURA DE CHARLES BUKOWSKI: A VOZ DOS MARGINALIZADOS, O CRONISTA DA SOLIDÃO E DO AMOR

Élcio Cavalcante

Henry Charles Bukowski é considerado um dos poetas mais icônicos do Século XX, conhecido por sua escrita crua e honesta ao retratar a vida cotidiana de maneira visceral. Nasceu em 16 de agosto de 1920, em Andernach, na Alemanha e faleceu em 09 de março de 1994, em Los Angeles (EUA), de leucemia, aos 73 anos. Bukowski trouxe uma perspectiva única sobre a existência humana, abordando temas como solidão, amor, desilusão e a busca por significado em meio ao caos.

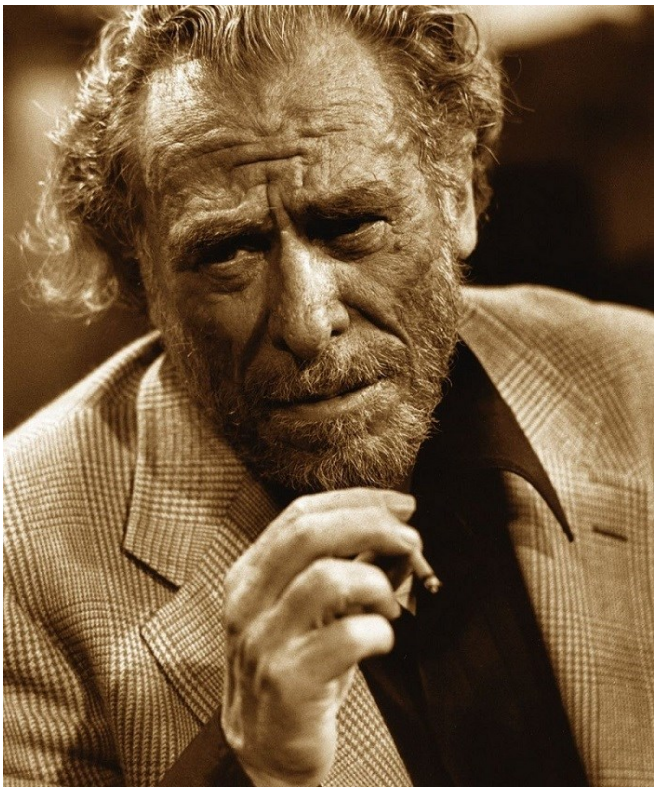


Foto: Divulgação

A poesia de Bukowski é importante porque fala diretamente ao coração do leitor. Ele não esconde as durezas da vida; pelo contrário, ele as abraça. Suas palavras são um reflexo da realidade de muitos: pessoas lutando contra vícios, buscando amor em lugares inesperados e enfrentando as frustrações do cotidiano. Essa honestidade cria uma conexão profunda com quem lê suas obras e oferece um espaço seguro para que outros também se sintam vistos e compreendidos.

Em sua escrita, Bukowski desafiou as normas literárias da época. Ele se afastou da poesia tradicional e das convenções sociais, optando por uma linguagem simples e direta que ressoava com o homem comum. Essa abordagem democratizou a poesia, mostrando que todos têm histórias importantes para contar. Sua influência pode ser vista em muitos poetas contemporâneos que também buscam autenticidade em suas vozes.

A vida de Bukowski foi marcada por experiências intensas, desde empregos medíocres até relacionamentos tumultuados. Ele transformou essas vivências em arte, e isso nos ensina a importância de aceitar nossas próprias histórias. Cada dor e cada alegria vivida são materiais valiosos para a criação artística e para o autoconhecimento.

A poesia de Charles Bukowski não é apenas uma expressão literária; é um testemunho da condição humana. Ele nos convida a olhar para nossas próprias vidas com um novo entendimento: que mesmo nas sombras há beleza e significado. Ao ler Bukowski, somos lembrados de que a vulnerabilidade é parte essencial da experiência humana e que compartilhar nossas verdades pode ser libertador.

Dados sobre Henry Charles Bukowski

1. Vida Pessoal: nasceu em 16 de agosto de 1920, na Alemanha, se mudou para os Estados Unidos com sua família em 1923 e faleceu em 9 de março de 1994. Cresceu em Los Angeles, uma cidade que se tornaria o cenário de muitas de suas histórias. Teve uma infância difícil, marcada por abusos e problemas financeiros, o que influenciou muito sua escrita.

2. Carreira Literária: começou a escrever desde jovem, mas sua carreira decolou na década de

1960. Trabalhou em diversos empregos, incluindo como carteiro, e isso lhe proporcionou material riquíssimo para suas obras. Seu estilo é frequentemente descrito como "realismo sujo", caracterizado por uma linguagem simples e direta que retrata a vida dos marginalizados.

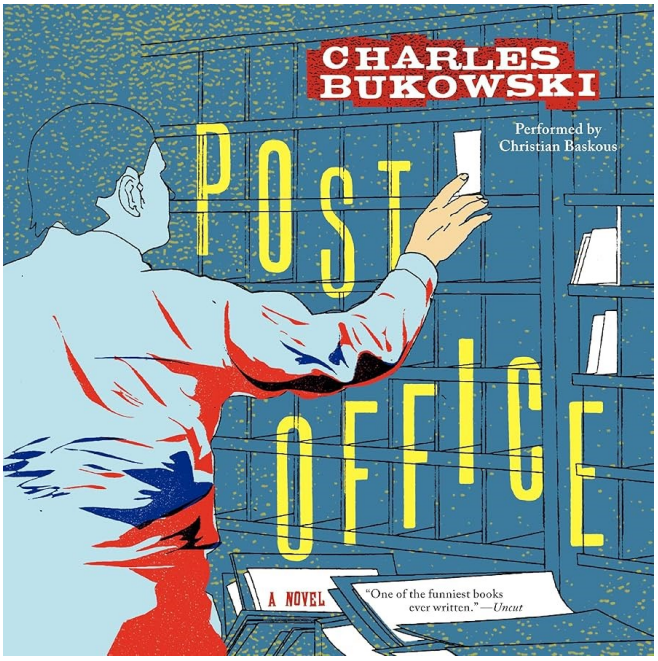


Foto: Divulgação

3. Obras Notáveis: "Post Office" (1971): Um romance semiautobiográfico que narra as experiências de um carteiro. **"Factotum" (1975):** Foca nas diversas ocupações de Bukowski enquanto ele busca seu lugar no mundo. **"Women" (1978):** Uma exploração das relações amorosas do autor com várias mulheres. **"Love is a Dog From Hell" (1977):** Uma coleção de poemas que aborda o amor e os relacionamentos.

4. Temas Recorrentes: A solidão e a alienação; O desejo e a busca por amor; A luta contra vícios como álcool e jogos de azar; A crítica social às normas e valores da sociedade.

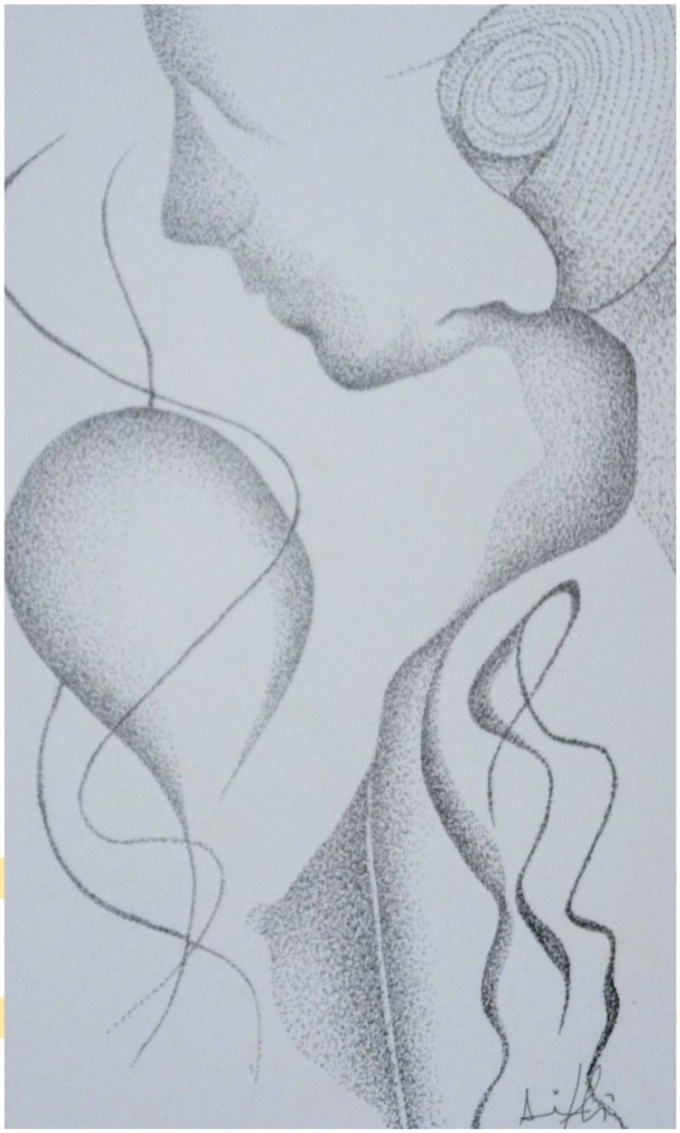
5. Estilo e Influência: é conhecido por seu estilo provocador e muitas vezes explícito. Ele não temia abordar temas tabus, o que fez dele uma voz controversa, mas poderosa na Literatura. Sua influência pode ser vista em muitos escritores contemporâneos, que buscam transmitir a autenticidade da experiência humana.

6. Legado: seu legado continua vivo. Ele é considerado um dos maiores poetas do Século XX e suas obras ainda são amplamente lidas e estudadas. Sua capacidade de capturar a essência da vida cotidiana ressoa com muitos leitores até hoje.

Em síntese, Charles Bukowski é mais do que um simples poeta; ele é uma voz autêntica que ecoa as lutas e os anseios da condição humana. Sua capacidade de abordar temas complexos com simplicidade e crueza torna sua obra acessível e impactante. Bukowski nos ensina que a beleza pode ser encontrada nas imperfeições da vida e que todos temos histórias valiosas para contar. Ao compartilhar suas experiências pessoais de dor, amor e solidão, ele nos convida a refletir sobre nossas próprias verdades. A poesia de Bukowski continua a ressoar com gerações, provando que, mesmo em meio ao desespero, a arte pode ser uma forma poderosa de conexão e compreensão. Sua importância na literatura moderna é indiscutível, e seu legado perdurará enquanto houver quem busque autenticidade nas palavras.

Élcio Cavalcante é formado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, no Curso de História, trabalhou na FIEC - SESI - SENAI, leciona História na Rede Pública e Privada no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

FIO DE VIDA



Técnica - Nanquim sobre papel

Artista visual: Amauri Flôr

Pulsante

Outrora no desejo
Noutro tempo no ventre
Nos dias daquele sol, sob meu olhar
Em noites escuras e frias meu
coração sustentava
Em tempestades e em outros
tempos tenebrosos o espírito
estava ali
Nas curvas, inceterzas e tristezas
a alma dilacerava e ressuscitava
O presente será sempre um
presente pulsante
Do futuro, o que dizer?
...
Será alimentado por lembranças
ensolaradas que aqueceram
tristezas, escuridões e pulsarão
sempre: até o meu último respiro

Gorette Rodrigues

Paulo Leminski Filho (1944-1989) foi um escritor, poeta, músico, crítico literário, jornalista, publicitário, tradutor e professor brasileiro.

LEMINSKI

CONTRANARCISO

em mim
eu vejo
o outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente centenas
o outro
que há em mim é você
você
e você
assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós

(Caprichos & relaxos)

RISO PARA GIL

teu riso
reflete no teu canto
rima rica
raio de sol
em dente de ouro

“everything is gonna be alright”

teu riso
diz sim
teu riso
satisfaz

enquanto o sol
que imita teu riso
não sai

(Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase)

PAULO LEMINSKI: O ESCRITOR INCOMPREENDIDO

Néia Gava

Caro leitor, cá estou novamente. E desta vez abordo um dos ícones da literatura marginalizada, incompreendida ou maldita. Paulo Leminski, poeta, escritor, tradutor e professor, publicava os seus textos em revistas alternativas, antológicas do tempo marginal.

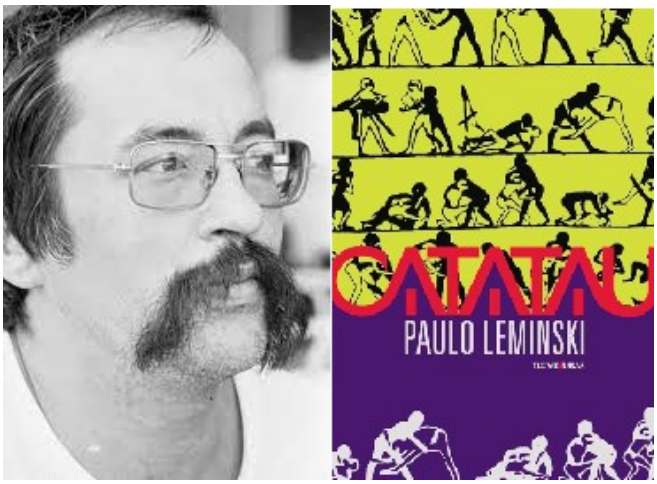


Foto: Divulgação

Mas, afinal, o que é a literatura maldita? Trata-se de um período que os autores tiveram as suas obras censuradas, sendo reconhecidas muito tempo depois de suas publicações. Tais obras ficavam "embolorando" sem chegar a um elevado número de leitores.

As obras de Leminski foram assim categorizadas, pois foram censuradas e, portanto, mofaram em cantos longínquos, distantes de leitores, da mídia e de todo o reconhecimento literário que merecia.

Foi a partir de 1975, que Paulo Leminski iniciou sua trajetória de "escritor maldito" com sua obra "Catatau", que se tratava de um polêmico livro de prosa, cuja escrita apresentava o filósofo francês René Descartes vivendo no Brasil. A missão desse personagem, sob a ótica do autor, era a de compreender a realidade tupiniquim sob a perspectiva de um racionalista com luneta e cigarro de maconha nas mãos.

Esse contexto da escrita leminskiana explica a censura que recebeu naquela década, considerando que se tratava de um assunto delicado para se tornar público. Todavia, passados alguns anos, o livro **Catatau**, outrora marginalizado e incompreendido, torna-se uma das joias da literatura brasileira de invenção do século XX.

A censura e a marginalização que recebeu fizeram Leminski jurar que jamais voltaria a escrever prosa. Afinal, sua obra foi repudiada, marginalizada e "guardada" entre objetos insignificantes que mofam por aí.

Mas a sua história literária não se encerrou por esta razão. O escritor se tornou um dos mais destacados poetas brasileiros, inventando o seu jeito ímpar de escrever poesias, brincando com as palavras e com os ditos populares. Essas características o aproximaram dos leitores.

Catatau (escrito ao longo de quase uma década) fora, por fim, símbolo de censura, mas estátua do sucesso literário de Leminski, mesmo que alcançado anos depois de sua publicação.

Néia Gava é Especialista em Letras: Português e Literatura. Servidora Pública. Escritora. Poeta. Possui 07 (sete) Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Editorial da Revista Sarau. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta-ES. Integrante do grupo Escritoras Cachoeirenses. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante - ALAVENI. Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes – APALA-RJ.

A FORMIDÁVEL E MARCANTE POESIA MARGINAL DO POETA PAULO LEMINSKI

Élcio Cavalcante

Paulo Leminski foi um poeta, escritor, músico, professor, crítico literário, jornalista, publicitário, tradutor e compositor brasileiro nascido em Curitiba, em 24 de agosto de 1944 e faleceu em 7 de junho de 1989 na mesma cidade. Sua obra é marcada pela linguagem coloquial, experimentalismo e influências da cultura pop. Leminski também foi um dos precursores do Movimento Marginal na poesia brasileira, buscando explorar novas formas de expressão. Sua escrita é conhecida pela criatividade e profundidade, abordando temas como amor, cotidiano e a condição humana.

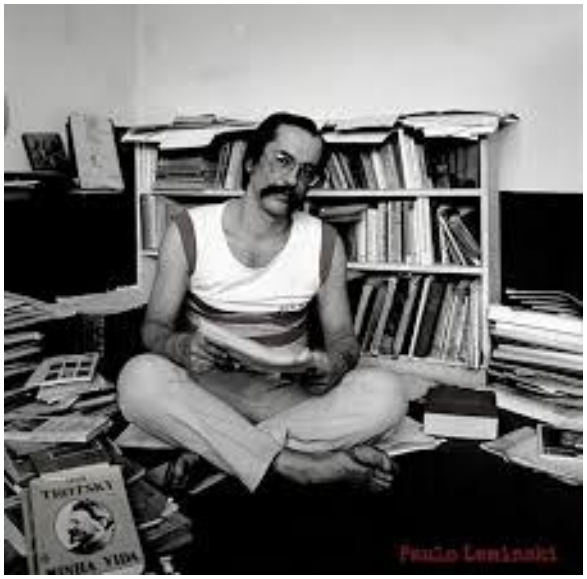


Foto: Divulgação

A poesia de Paulo Leminski é marcada pela criatividade, pela linguagem acessível e pela capacidade de provocar reflexões profundas em seus leitores. Ele explorava temas sobre o cotidiano, o amor e a vida urbana, de maneira inovadora, muitas vezes mesclando elementos da cultura pop com a tradição literária. Leminski tinha um talento especial para brincar com as palavras e criar imagens poéticas surpreendentes, o que contribui para a singularidade de sua obra. Sua poesia continua a encantar e desafiar os leitores, mantendo-se relevante e inspiradora mesmo após tantos anos de sua produção.

Escritor formidável e multifacetado, atuando não apenas como poeta, mas também como ensaísta, tradutor e compositor. Sua obra poética é marcada pela influência do haicai japonês, do concretismo e da cultura pop, resultando em uma linguagem inovadora e acessível. Além disso, Leminski foi um pensador provocativo, que buscava desafiar as convenções literárias e culturais de sua época.

Em suma, Paulo Leminski foi um importante poeta e escritor brasileiro, cuja obra inovadora e provocativa continua a inspirar gerações de leitores e artistas. Sua contribuição para a Literatura brasileira é indiscutível, e seu estilo marcante e original o coloca como uma figura emblemática no cenário cultural do país. Leminski deixou um legado significativo, e sua influência perdura, demonstrando a relevância atemporal de sua produção artística.

Élcio Cavalcante é formado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, no Curso de História, trabalhou na FIEC - SESI - SENAI, leciona História na Rede Pública e Privada no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

O POETA “POLACO MULATO DE CURITIBA”

Denilson Marques dos.Santos

PAULO LEMINSKI foi muito mais do que um poeta. Ele foi um artista completo, com uma obra que transcende as fronteiras da literatura, adentrando a música, a crítica e a tradução. Sua vida, marcada por uma intensa produção cultural e por uma personalidade singular, continua a fascinar e inspirar leitores e pesquisadores no mundo inteiro. Nascido em Curitiba-PR em 1944 (fruto de uma relação entre um polonês e uma mulher de origem africana). Leminski teve uma vida rica em experiências. Sua formação clássica, aliada a uma curiosidade insaciável e a uma grande capacidade de observação, moldaram sua escrita única.

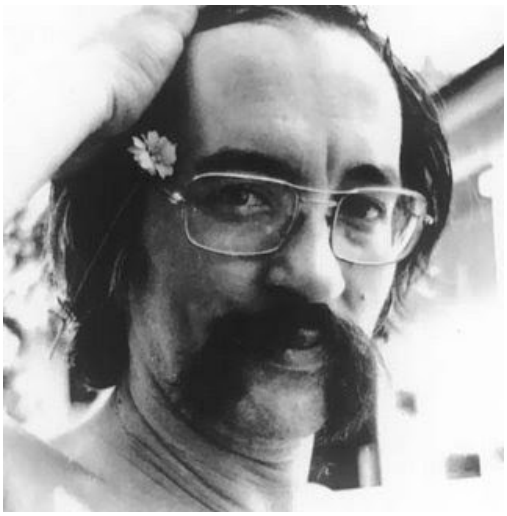


Foto: Divulgação

A obra de Leminski é vasta e abrange diversos gêneros literários. Seus poemas, marcados por uma linguagem simples e direta, abordam temas como: O amor, a morte, o cotidiano, a identidade e a cultura popular. Além da poesia, Leminski também se destacou como:

Compositor: Suas letras, inteligentes e cheias de ironia, se tornaram clássicos da música popular brasileira.

Tradutor: Leminski traduziu para o português as obras de autores como Fernando Pessoa e William Shakespeare.

Crítico Literário: Seus ensaios e artigos sobre literatura demonstram um profundo conhecimento da história da literatura e uma visão crítica aguçada.

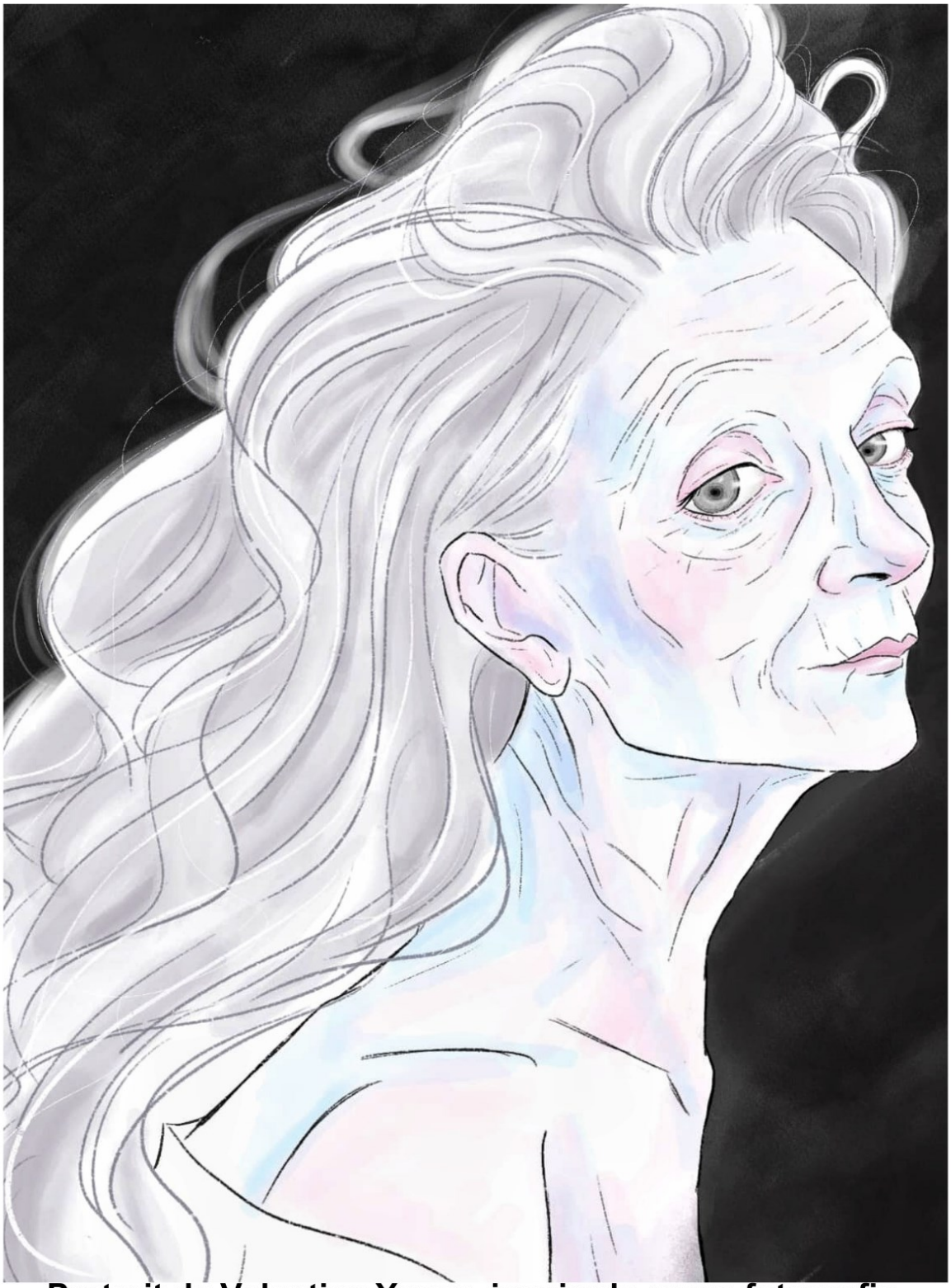
A POESIA DE LEMINSKI NA MÚSICA DE MORAES MOREIRA.

A canção "Oxalá", composta por Paulo Leminski e musicada por Moraes Moreira, representa um belo exemplo da sinergia entre a poesia e a música.

A sinergia perfeita

Em "Oxalá", a poesia de Leminski e a música de Moraes Moreira se fundem de forma perfeita, criando uma obra de arte única e atemporal. A letra, repleta de significado e beleza, ganha vida através da melodia e da interpretação, resultando em uma canção que emociona e inspira. A escolha de uma divindade africana como tema central da canção pode ser vista como um ato de descolonização do pensamento, uma forma de resgatar e valorizar as raízes africanas da cultura brasileira.

Denilson Marques dos Santos é mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Membro do Grupo de Pesquisa (GP) Arte, Religião e Memória (ARTEMI/UEPA); Docente Efetivo da Secretaria Executiva de Educação (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Ananindeua) / Ministrando as Disciplinas “Filosofia” e “Estudos de Religião”; E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.br / Contato: (91) 982123606 (WhatsApp)



Portrait de Valentina Yasen, inspirado numa fotografia.

Lara Amora é artista autodidata. Desde muito cedo manifestou a sua paixão pelas artes, desenvolvendo diferentes técnicas e estilos. Tem seu trabalho publicado em livros infantis e de poemas. Atualmente, dedica-se com exclusividade a arte digital.
E-mail: lara_amora@yahoo.com

AMANHECER EM FORTALEZA

Cicero Vagner Lucena

Esse texto e baseado em minhas experiencia da adolescência nas ruas boemias de Fortaleza na região da praia de Iracema ao lado dos Poetas Mario Gomes e o grande Valter di Lascio ao lado de doses inseguras de álcool.

Além do mar.
Desse mar azul.
Vou caminhando através das ruas de Fortaleza.
Eu vou navegar.
Como os argonautas...
Até lá chegar em Fortaleza.
Na hora o mar mudou entre quebra-mares.
A luz através do nevoeiro.
Entre à névoa passa o feixe de luz.
O sol já se levanta
Mil clarões por vir.
Será um Deus o sol.

A manhã se presente.
A brisa proverbiar.
A manhã quente, não chove.
Tudo se faz notar.
A praia traz os corpos.
O mangue traz as almas.
E entre as ondas vejo tuas praias, Fortaleza.

Nem tudo é festa.
Mais um macio vento.
É o mesmo que tudo toma forma.
Em ruas sem jardins.
Cócegas em fuzuê.
Em praias que me banham.
Uma costa longe.
Além do horizonte.
Emergindo por sobre a água.
Linda, gracinda este tempo.

Ainda quero te ver.
Ainda quero te amar.
Mais uma vez neste amanhecer.

A vileza intensa.
Em plena Fortitudine.
Faróis amiúdam a uma luz.
Languidez seja assim.
Talvez em outro lugar.
Um porto para quem navega em pleno mar.
E eu quero estar em você Fortaleza.

Cicero Vagner Lucena é natural de Juazeiro do Norte (CE), resido em Fortaleza, me considero um cidadão do mundo. Eu sou um jovem (nem tão jovem assim) universitário de Filosofia (UECE).

PROSA & VERSO

Arnaldo Ricardo do Nascimento

EU FLORBELALOBO

Eu sou a Flor do Lácio que anda perdida,
Eu sou na vida, sou este meu Norte,
Sou a irmã do Sonho luso, esta sorte,
Sou apesar de crucificada, a busca da felicidade.

Sombra do romantismo, nego cousa estabelecida,
Inovo o destino, denuncio o amargo, triste e forte,
Minha escrita impele brutalmente para solução!
Alma que bem compreende a vida!…

Sou aquela que passa e sabe o que vê…
Sou a que chamam triste, só eu sei …
Sou a que chora e quem sabe por quê?

Sou realmente algo que alguém sonhou,
Alguém que inventou no mundo, espaço pra mim,
E que nunca na vida comigo combinou!

O SER QUE DÁ VIDA A OUTRO SER.

(E o Barão solteiro)

Um barão da Baviera ficou espantado. Perplexo até, quando soube, por meio de um sábio, de um ser que dava vida a outro ser. Imediatamente, convocou esse sábio ao seu castelo e lhe prometeu uma fortuna em ouro, para lhe mostrar tal ser.
Mas queria ter provas disso. Que ele achava mágico, só de saber que era possível. Pois essa era uma dúvida que ele sempre teve.
O sábio atendeu ao pedido, foi ao castelo, mas não aceitou a riqueza ofertada. Para ele, não precisava, porque o fenômeno não era controlado por ele. O Barão insistiu muito, mas em vão. E disse. Fique à vontade e o que precisar. Pode pedir. O Sábio, então, disse que não precisava de nada. O fenômeno era muito simples e corriqueiro. Chamou uma camareira e disse ao Barão, apontando para a moça.
Aqui!
Está aqui o animal. O ser que dá a vida a outro ser.
Uma (simples) mulher!
O Barão ficou muito sem chão. Até gaguejou!
Uma simpática… simples mulher!?
Tão simples era a resposta à questão. E sempre vira o ser, que trazia a resposta do que perguntava. Era algo óbvio e único. E tinha em seu castelo. O Barão insistiu em pagar ao sábio, que não aceitou. Mas este pediu ao Barão, que era solteiro, que desposasse a camareira.
Ficando o sábio como, “O Sábio casamenteiro”.

Arnaldo Ricardo do Nascimento, fortalezense, casado, estudou em jardim de infância, escolas e universidades públicas. Formado em Biblioteconomia bacharelado (UFC), Licenciatura em Filosofia (Uece); especialista em Metodologia da Pesquisa Científica (Uece).

LIMITES

VULDEMBERGUE FARIAS

Quero falar sobre
Os extremos de pequenos
Espaços,
Limites, tempos, distância,
Lenta velocidade e intervalos

Diminutos laços e abraços
Discretos olhares
Incontidos andares
Mera felicidade
Entre o ter e o poder

Separa-me
Dessa realidade
Menor, igual, maior
Que meu desejo de ser
De estar no limite
Do meu particular

Prendam-me
Deixem-me estar
Na divisa do bem e do mal
Entre o antes e o pós
O fundo e o raso
Entre laços e nós

Viver de fachada
Ou viver discreto
É como concreto aparente
Sente quem vê
Excede o limite
Da vida corrente

Ouça aqui:

https://abre.ai/hqJ4

Vuldembergue Farias nasceu na pequena cidade interiorana de Baixio, no Ceará. É bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Maranhão, Mestre e Doutor em Ciências da Educação. Compositor e músico da noite, já lançou 6 discos

A CATADORA DE CONCHAS

(inspirada em Alberto Caeiro)

Isathai Morena

Olá, catadora de conchas, que te diz o vento do mar?

Que ora é brisa, ora é ventania

Num momento, tudo pode mudar.

Olá, catadora de conchas, que te diz a areia do mar?

Que se as pessoas amassem a praia

Não deixariam tanta sujeira por lá.

Olá, catadora de conchas, que te dizem as ondas do mar?

Que no vai e vem infinito

Pra ir em frente é preciso recuar.

Olá catadora de conchas, que te diz o fundo do mar?

Que o mar é o berço da vida

Mas também lá se pode findar.

Olá, catadora de conchas, que te dizem as histórias do mar?

Que pra entender o que elas dizem

É preciso ouvir a Sereia cantar.

Isathai Morena. Nascida na capital da Paraíba, em 1983, formada em Letras pela UFC, com pós-graduação em Teorias da Comunicação e da Imagem e em Metodologias Ativas. Atualmente é mestra em Artes da Cena. Leciona desde 2006, tendo trabalhado em diversas escolas particulares e instituições de ensino superior. Atualmente está vinculada à rede municipal de ensino de Fortaleza, tendo como público os estudantes dos anos finais do ensino fundamental.

POEME-SE

Carlos Nascimentto

TEOGONIA REVERSA

As ovelhas estão no pasto.
E os pastores, no gasto
Dos lucros da profecia.

As ovelhas estão doentes.
E os pastores, mais crentes
Que a fé-É mercadoria.

HOMO FERUS - Ou pra não dizer que sou artista e sei

Um dos últimos a chegar neste Planeta,
Bicho Humano com avareza e egoísmo,
De monstruosa espécie tem batismo
E transmite a maldade em seu gameta!

Diz-se filho de - Deus -, mas é só treta!
Pois depreda a Criação e, com cinismo,
Brada ao mundo infiel -Teologismo -
Do assassino em aleluias ao_Capeta!_

Time is money! " Mateus, primeiro os teus!":
Regra suja, alma podre, e todos os seus
Intentares são do lucro a vil paixão!!!

Arrogante Narciso, deus sem Deus!
O humano cada dia dá adeus...
Caminhando para a própria extinção!

Carlos Nascimentto - Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.

FOGARÉU VERDE:

NATUREZA AMEAÇADA

BENY BARBOSA COLLAGE ART

Beny Barbosa, natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e mestrando em políticas públicas. Professor e militante dos Direitos Humanos. Escreve contos e poemas desde a adolescência. Participa de festivais de literatura e de antologias. Em 2021 publicou o seu primeiro livro solo, TEMPOS DE CHUMBO, que aborda a questão da ditadura militar no Brasil. É também arte colagista. A poesia é a voz da alma!

RECUERDOS

Ana Paula Marques

La nostalgia besa mi frente
Y empiezo a acordarme de ti,
Tus bromas y tu sonrisa inolvidables.
Mi corazón, late todos los días
Y a veces duele por hallarte
Sólo en las fotos y en mis recuerdos.
El pasado no envejece, vive en mí
Y abraza los felices momentos
Con un dulce y sereno pensamiento.
A cada amanecer, traigo conmigo un tiempo lejano
Pero cerca de mí, el sol brilla y deja despierto
Para siempre un sentimiento vivo, lleno de amor.

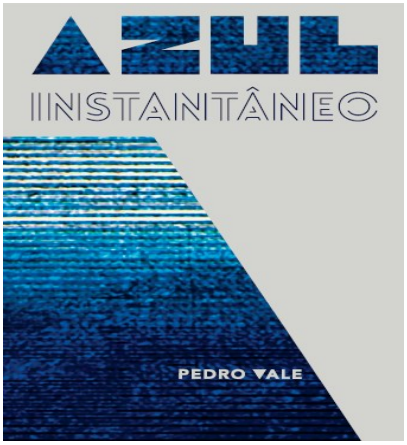
Ana Paula Marques é graduada em Engenharia Elétrica e em Matemática. É Professora da educação especial, poetisa e audiodescritora da Revista Sarau. É membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA) e do grupo de poetisas Mulheres Poesis. Escritora participante do livro Educação em Revista e das antologias, A Felicidade Pós-Moderna, Poetas Nordestinos Vol.1 e Vida em Poesia. Publicação da poesia “Paratletas” sob o pseudônimo Pablita Soares, na Revista Pontinhos do Concurso Literário (julho/2024) pela I Feira Literária Inclusiva do Instituto Benjamin Constant (IBC). Conquistou o 1º lugar (2023) e o 4º Lugar (2022) no Concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores.

A POESIA DE PEDRO VALE

Luz(a) alma
Sossega e vive do ar
A cómoda alma, armário espacial.
Plana e cisma a esmola pintada
Na rua nua e perfumada.
Sonha a universal fundação,
À beira-rio, navio-fantasma e fruição.
Entoa, na guitarra infantil, dramática gente,
Num acorde simples, medieval.
- Ó alma lusa,
Acorda e sente,
Mesmo que à tangente,
O que é ser filha de Portugal.

O poema
como
Pétala de escravo
marinho
que enternece

Hoje acordei com uma andorinha no estômago.
A noite era de tempo limpo e sono.
Sabia a quebra milenar, cabelo solto.
Nenhuma angústia, lei, mato ou víscera defronte.
O prédio seguia o seu curso normal de vida, espécie de abrigo impune.
Gineceu.
Observava sem capacidade estrelada o céu, quando a miúda astronomia me
Espantou a inocência.
A circular impressão se revelara.
Tal como no meu estômago, assim uma via-andorinha, se alongava, qual
fita emprestada, distraidamente, no ar.



Pedro Vale vive no Funchal, na Ilha da Madeira, desde 2002 onde é professor de primeiro ciclo. Cursou Ciências da Cultura na Universidade da Madeira entre 2014 e 2017. O seu primeiro livro - «Azul Instantâneo» - foi lançado em dezembro de 2017, tendo esgotado rapidamente. O autor tem divulgado a obra desde então, com o objetivo de realizar uma segunda edição.

BENDITA POESIA DE CADA DIA

George Forte

ELETRONEGATIVO

Era de manhã cedo, a rotina esmagadora se esgueirava a toda esquina que se seguia, uma época chuvosa se alastrava pela cidade, mas nesse dia, o sol mostrou sua valentia e suspendeu todas as chances de chuva, e isso já era especial, como se não bastasse, assim que entrei no ônibus, eu vi uma mulher, olhos firmes, mãos decididas, naquele momento, faltou-me à coragem que o sol esbanjava, então, sentei na cadeira do fundo e tive o presságio sobre o que aquela mulher traria, nunca havia lhe posto os olhos nessa terra, e quando o sol vem, ela nasce com ele, mulher dos cabelos de cobre ascendente, não saía na chuva, pois atraia eletricidade demais a sua volta, nem uma palavra a direcionei, porque talvez ela não soubesse lidar com o elétron que sou.

Foto: Divulgação

POESIA É O ÍMÃ DOS POETAS FERRADOS

Sou nordestino, onde o sol é companheiro do dia a dia, onde as cicatrizes lamentam suas dores, nasci no lugar onde foi criado o guerreiro e cria fui, lugar esse, que nascer mulher, é crescer com a força dos “próprios pés”, nosso céu se compadece, entristece-se, chora pelos olhos do cabra-da-peste, bato no peito, nasci no berço da humildade, lá “para as minhas bandas”, onde a nascente canta, é de lá que eu venho.

George Forte é natural de Caucaia-CE. Em 2019, reuniu 110 poemas na coletânea intitulada A Bendita Poesia de Cada Dia, em formato e-book, na plataforma da Amazon.

COLUNA ESCRITORAS CACHOEIRENSES

Foto: Divulgação

INTERIOR DO MUNDO

Eliane Nunes

Eu moro no interior do mundo, em que tudo que se vê é uma linda montanha.
Esverdeando toda a sua beleza, sob a luz solar.
Ao brilho lunar, vejo as estrelas nascentes que brilham como nunca num céu escuro e límpido.
Sento-me na mureta de minha casa e aprecio a beleza encantada do interior do mundo em que vivo.
A cidade Secreta do Mundo é tão bela com suas belezas naturais e encantadoras serenas nas serras.
Ah, cidade! Me encanta com teu brilho e me leve para bem longe deste mundo a fio.
Ao contemplar suas belezas, como o pico de Itabira, percebo o quão belo é estar no interior do mundo.
Convido-te a sentar só um minuto e contemplar as belezas encantadas do Mirante ao luar!
Suas luzes luzes acesas que fazem da cidade Secreta do Mundo realçar sob as luzes que acendem, e passo a noite contemplar.
Moro no interior do mundo, em que todos só falam de como as coisas são difíceis.

Mas veja quanto encanto ao contemplar sua beleza!
Sinta a brisa leve da manhã, de quando o inverno chegar.
Nas manhãs inúmeras do calor, o que ajuda são as Cachoeiras.
Veja bem, eu moro no interior do mundo, como o André Prando em sua música colocou.
E ao falar do interior do mundo, não se esqueça das pessoas que dão duro para conseguir colocar o pão na mesa.
Gente daqui, gente de fora, gente de tudo que é canto para comprar pedras por aí afora.
Mármores e granitos são uma sensação da cidade! Quantas empresas existem para além da cidade!
E por aí vai-se embora, as belezas e sensações do interior do mundo.
Só quem mora nela, sabe o quanto o calor é inoportuno!
Mas quando o frio chega! Ah, meu bem! Não tem para quem que aguente! É um frio que só!
E quando se pensa em Cachoeiro, não se pode esquecer, da música que Roberto Carlos cantou e o fez crescer.
De Gironda, a Soturno, de Cachoeiro ao Mirante, diversos distritos lindos a Burarama um lugar divino!
E para fechar, conheça o interior do mundo em que tudo aqui é muito simples, mas do simples que se é, sua beleza é tão exaltante!

Eliane Nunes. Formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e graduanda em Psicologia. Apaixonada pela leitura e pela escrita.

A MATINHA DO ITABIRA

Dandara Dias de Oliveira

De todas as belezas cênicas
a matinha é a mais rica.
Composta de flora e fauna únicas
que transmite força telúrica.

Lugar ideal para uma conexão
independência de sua religião e crença.
Destino ideal para a reflexão
conectando-se à sua transcendência.

Mesmo causando medo e espanto
nada seria o Itabira
sem sua mata, seu encanto.

Preservá-la não é uma ação simples
cuidar dela é também cuidarmos de nós
e da nossa próxima geração.

Dandara Dias de Oliveira. Mulher, negra, filha de lavradores, professora, historiadora, poetisa, cronista e contista. Descobriu-se antirracista aos 27 anos e, desde então, está na luta por um lugar de fala. Encontrou-se escritora aos 28 anos, após retratar suas lutas através da escrita. Além disso, é ambientalista, feminista e educadora racial.

O TEMPO PASSA DEVAGAR NESSES LUGARES

Raquel Poleto Fonseca

Um domingo ensolarado de verão, as garças plainam sobre o espelho d'água na foz do Itapemirim. Fazem os barcos ancorados palco de um balé delicado e silencioso que só os olhos atentos apreciam. O tempo passa devagar nesses lugares.

Aos poucos, os pescadores fazem companhia às garças, suas asas são remos que lentamente ganham o rio acima. Mar cheio, paciência, espera pelo peixe. Ó ritmo passe devagar nesses lugares.

Ali no seu barco, um ritual fora do tempo, fora da curva na qual os carros passam acelerados, bem ao lado.

Remamos freneticamente para alcançar tantas coisas e não percebemos a maré cheia, não percebemos o balé das garças, não temos tempo de deixar o mar da vida fazer sua parte.

Quero estar mais vezes nesses lugares em que a vida passa devagar.

Raquel Poleto Fonseca. Nascida em Cachoeiro, contadora, escritora, integrante do projeto Escritoras Cachoeirenses.

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM – MEMÓRIAS E ENCANTOS

Jovanna Pin

São terras capixabas
banhadas de encanto
Onde o sol se ergue
com vivacidade e beleza
afastando a tristeza
aqueles que levantam
bem cedo
para garantir o sustento
Não só de suas casas
pois também sustentam
a cultura de Cachoeiro.

Entre as margens
do Rio Itapemirim
e o Pico do Itabira
a cidade se espalha
Ó contraste
entre o verde das matas
e o colorido das casas
criar um cenário sem igual
Para o povo que
por Cachoeiro, apressado passa
mais cedo ou mais tarde
Conseguirá enxergar
uma poesia de vida
que é morar nesse lugar.

Meu pequeno Cachoeiro
É pérola do Estado!
Guarde dentro de mim o desejo de voltar ao meu lar

Na vida
por mais que almejamos
uma liberdade
querendo ou não
Nós pertencemos a alguém
ou em algum lugar
Eu pertenço a Cachoeiro
e é pra lá que quero voltar.

Que as águas fortes
que correm em seus rios
Mantenha-se firme
a esperança e a certeza
de grandes vitórias
Que Cachoeiro nunca deixe
de brilhar e me encorajar
todas as vezes que eu recebo
de braços abertos
Quando passo da rotatória
No posto Shangrilá.

Jovanna Pin. Mulher, filha, cristã, estudante de Publicidade e Propaganda, apaixonada pela arte de escrever. Sou de Cachoeiro, da crônica e da comunicação.

BARBULETA

Mércia Souza

— Você precisa perdoar as mulheres do seu passado — O conselho da terapeuta ecoava em meus pensamentos, fazendo um barulho insuportável dentro de mim.

Longe de mim discordar, mas, enquanto eu me maquiava, discutia sozinha comigo mesma. A conclusão a que cheguei, juntamente com meu reflexo no espelho, foi:

— Meu problema não é perdão, é prisão.

Bom, talvez eu que precisesse de perdão pelas graças em que minha irmã, prima e eu sem disfarçarmos as palavras pronunciadas de forma errada por minha mãe e nossas avós, assim como pelas vezes que eu disse, arrogantemente:

— Ah, eu jamais aceitaria uma situação dessa.

Me lembro das repetições como Jesifon, ou Jefissom, na tentativa de falar Jeferson, e das vezes que pronunciava barbuleta ou brabuleta; silenciava-se por um tempo e conseguia dizer borboleta, mas o nome Jeferson nunca saiu corretamente.

Minha vida era incessante. Todos acordavam tranquilos, enquanto eu já preparava o café, escovava os dentes, acordava a caçula e arrumava a marmita do marido. Ele só precisava deixar os filhos na escola e seguir para o trabalho em seu carro confortável, enquanto eu enfrentava o ônibus. Tenho consciência de que não tenho mais psicológico para tudo o que estou fazendo e, embora possa haver outros caminhos, a verdade é que confidenciei ao terapeuta a decisão de me divorciar. Olho novamente no espelho, troco o batom claro por um vermelho vibrante e sigo para a terapia. Entro, sentimento-me confortavelmente diante dela e início quase em um desafio:

— Não concordo com você!

A terapeuta mal sorriu e continuou:

— Meu pai não estava na escola, trabalhava muito no trabalho, enquanto o pai dele tinha direito de frequentar as aulas. Dotada de uma inteligência extraordinária, ela era tratada como ele: fazia a merenda do homem assim que ele ensinava o que aprendia na escola durante seu trabalho na escola. Assim, aprendeu a ler e escrever durante dois anos, devido à dificuldade com palavras simples. Sua notável inteligência me deu os melhores conselhos que recebi.

Minha avó materna também nunca foi à escola. Sua voz marcante e alegria de viver a fizeram passar dois seis dias preparando café, e à noite lia a Bíblia, perdida nas lindas letras que seus olhos não reconheciam, até o dia em que uma palavra lhe faltou a atenção e, encantada, ela correu ouvi meu bisavô e perguntei:

— Deus está escrito aqui?

Ele confirmou curiosamente, foi um milagre. Depois disso, você já começou a ler a Bíblia sozinha. No entanto, nunca soletrei uma palavra. Ela recebia cartas e pedia a um filho ou filha que lhe escrevesse assim que ela pronunciasse as palavras. Se isto não é uma força de determinação e de inteligência extraordinária, não sei o que é. Respire e continue:

— Minha mãe ouvia do meu avô: “Mulher não precisa estudar.” Da mesma forma, conseguiu dividir seu tempo entre trabalho infantil excessivo e dois anos de escolaridade. Ele tem apenas 1,47cm de altura, mas escondia uma força física assustadora. Cresci vendeu uma capa para uma quiçamba de café, várias crianças pequenas desceram ou nariz, como objeto preso no litoral carregando 120 kg de café. Mesmo assim, ela encontrou tempo para ler um romance, à luz de lamparina, sentada sob o fogo.

Assim nasci, com uma fome enorme de liberdade e aprendizado, uma vontade de mudar o mundo transmitida de geração em geração, e hoje a necessidade de me livrar de um casamento que carrega a ideia de que a mulher só pode ser boa se para uma excelente dona de casa. Pouco a pouco percebo que elas foram construindo caminhos para a liberdade e eu terminarei essa construção. Dois anos depois, um ano de vídeos, a terapeuta me abraça na saída; eu retribuo com um aperto firme e confiança:

— Estou escrevendo um livro, não estou no final.

Ela sorri e, imitando minha avó, diz:

— Use como asas, barbuleta.

Olhei no fundo dos seus olhos claros, sua pele branca e enrugada lembrando minha avó paterna. Sorria e seguimos confiantes. Mais uma mulher extraordinária me ajudou a construir um belo caminho.

Mércia Souza. Descobriu sua paixão pela leitura e escrita aos 12 anos, na casa dos Braga. Atualmente, autora de dois livros publicados e participação em três antologias, também participa de consideráveis projetos de apoio a novos autores e mulheres empreendedoras.

MARIAS

Mariana Bernardo

E ela acordou naquela manhã cinzenta
Despiu-se de toda tristeza e medo
Colocou na face sua melhor máscara
Aquela que carrega um sorriso facial
E que se esconde entre o brilho do olhar
Toda a dor e sofrimento de uma vida
Marcado na alma e sentido no peito
Peito que alimentou suas filhas
Marias que nem ela
Marias que nem sua mãe
Dotadas da beleza da pele preta
Marcadas pelo preconceito velado
Dos olhos fortes e espírito guerreiro
Porque ser Maria, pobre e preta é um ato de resistência
É ser resiliente em meio à fome de pão
O que faz a barriga doer
E fome de justiça, que é a mãe de todas as dores
Mas Maria, com sua máscara, segue confiante
Fazendo pirraça, em meio aos tropeços da vida
Segue sorrindo, fazendo graça,
desafiando tudo e todos
Pois a Maria preta e pobre
acorda às 5 da manhã pra labutar
Depois de 12 horas de serviço, entre um cochilo e outro
no ônibus lotado, vai pra escola
Porque quer ser doutora de verdade
E mostrar que Marias podem quebrar ciclos
É mesmo com a máscara rachada
ou o coração doído, podem fazer história
E mesmo quando tudo dá errado, ela segue
Segue cantando, segue sorrindo
mesmo quando gostaria de estar chorando
Porque ela é Maria, filha de Maria das Dores
Que prometeu que se parisse guria
Seria mais uma Maria
Mas Maria Esperança
para lembrá-la de que tudo vale a pena
E que toda dor, toda lágrima é passageira
De uma vida repleta de vitórias de tantas Marias guerreiras.

Mariana Bernardo. Mãe, artesã, escritora e apaixonada por gatos. Acreditamos que através das letras e linhas podemos construir um mundo melhor, ora por meio da fantasia, ora por meio da poesia, mas sempre trazendo conhecimento e esperança por meio das vivências e aprendizados.

CARTA

Virgínia Pastore

Os papéis se espalham pelo chão, enquanto a tinta vermelha se mistura com o vinho sobre a mesa. Minhas palavras secaram, murchas como as flores que você me deu e morreu depois de alguns dias.

Rabisco as infinitas ideias, ensaiando o que você escreve, mas nada parece bom o suficiente. Me perguntei se eu mesma, um dia, fui suficiente para você, para o mundo e a vida que idealizamos.

Ouço o gotejar da bebida escorrendo, junto às lágrimas que agora borram o papel. Eu me tornei apenas um sopro da pessoa que fui, apenas um pedaço arrancado a dentado, enquanto sua vida continuava a mesma de sempre.

Desisto de escrever qualquer coisa, não faz mais sentido lembrar, nada que eu disser fará alguma diferença hoje. Guardo os papéis e arrumo a bagunça que me deixei fazer, logo, até mesmo minhas memórias serão engolidas pelo tempo, e a dor não mais assombrará essas paredes...

Virgínia Pastore é escritora, poetisa e colunista. Com dois livros financeiros publicados e nove e-books pela Amazon, todos independentes.

MARIANA AINDA ESTÁ AQUI

Emília Nazaré

A aridez da paisagem não surpreende, apesar de entristecer. A região é seca assim mesmo, dirão os antigos, com a fala resignada de quem aprendeu a normalizar todo tipo de abuso porque “sempre foi assim”.

Ele resiste com o pouco que ele resta. De água e de vida, faça tanto que suas margens exaustas ainda se permitam provar a uma humanidade que só extrai e nunca repõe.

Olhando para o leste, sabe-se que é para o mar que ele corre, mas, na verdade, ele não corre, apenas se arrasta. E quando as águas caem dos céus, regarem seu leito e encherem suas calhas, algumas cidades irão sofrer. A seca que causa desalento nem se compara à enchente que vem e carrega aquilo que está no seu curso.

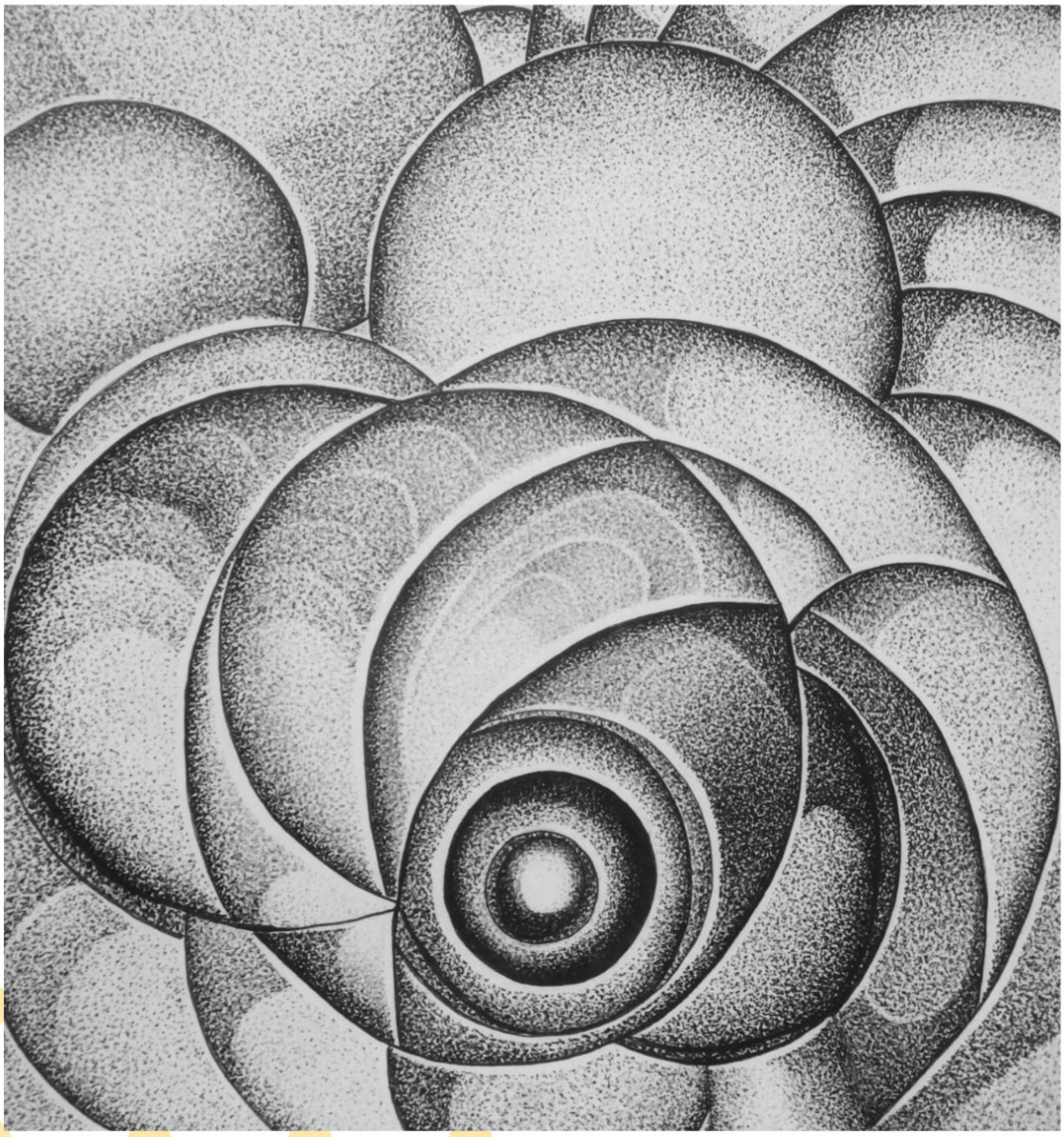
A poluição não começou ontem, o assoreamento não começou ontem, o extrativismo desenfreado não começou ontem, tampouco as histórias dolorosas de populações que tiveram que aprender a se reerguer, após cada episódio de destruição. Porém, há quase uma década, ela veio descendo o rio e conseguiu piorar o que já parecia não ter mais como ser pior. Lama de rejeitos de recursos, descartada pela humanidade e rejeitada pela natureza que, tão devastada, teve a ocorrência como última ação.

Mariana ainda está aqui. Na paisagem sonora visualmente, nas dores de perdas que ainda não cicatrizaram, na água que até hoje causa receio e afastamento a sede e o desejo de sermos um com ela. Em dias cada vez mais amargos, ele até se esquece de que Doce é o seu nome.

Marcados ainda estamos e permanecemos. Aceitando a pior água, o pior ar, as estações desreguladas e tudo o que pudesse ser evitado. Nem sempre foi assim!

Emília Nazaré é cachoeirense adotiva, passou a infância na cidade, cresceu no Rio de Janeiro alimentando o sonho de um dia voltar, e retornou ao ES em 2020. Atualmente, reside na Grande Vitória. Escreveu desde a infância e já teve publicações em diferentes formatos.

OLHANDO O SOL



Técnica - Nanquim sobre papel. Amauri Flôr

UMA FLOR E SEUS ENCANTOS

Em seu contorno
Há delicadeza.
Em seu contorno
Cada detalhe tem
Significado.
Nele, há sentimentos.
Em cada traço
O olhar se perde
De emoção.
Vislumbra-se de floreios.
Há sorrisos, encantos.
Há sonhos, esperanças.
Em cada contorno
A suavidade transgride
As bordas, as pétalas.
O olhar segregado,
Impiedoso,
Atento.
Revela segredos.
Também há mistérios.
Ahhh...os contornos
Que remodelam
Sua sensibilidade...
Que metaforiza
Cada sentimento.
E encerra com um
Doce, mas firme olhar.

Néia Gava

DO QUE ME RESTA

Vânia Pontes

Ando pelo sertão como quem planta
Ideias tortas, com o direito curvo.
Remendo o céu com linhas finas,
Trago a poesia no bolso furado.
Olho as coisas pelo avesso,
Não tenho pressa de ser grande.

Jogo o vazio como quem entende
O absurdo do mundo da vida,
Rastros de gente e cansaço,
Gorjetas de solidão me sobram.
Encontro sentido na poeira do vento.

Deito-me com as horas mortas,
Em silêncio, crio mundos pequenos.

Sou parte da terra seca que ama a chuva,
As folhas me contam segredos dos autos.

Filho das pedras, dos cacos de vidro da vida,
Invisto contra o tempo sem trégua,
Levanto minhas letras vazias,
Hoje sou poeta do que me resta,
Olho o abismo e brinco de existir.
Sigo, porque só sei seguir...

Vânia Pontes tem formação em Letras/Literatura e obteve o título de Bacharel em Direito, para depois se aprofundar pós-graduação em Literatura e trilhar os caminhos da Psicologia, onde se tornou mestra e doutora. Hoje, Vânia é professora na Faculdade 05 de Julho, advogada, escritora e pesquisadora, entrelaçando sabedoria e criatividade em seu ofício. Seu nome ecoa através de mais de 208 antologias publicadas, refletindo uma paleta rica de estilos e uma presença luminosa tanto em lançamentos nacionais quanto internacionais.

POEMAS

Marlucia Paiva Vidal

NOITES EM SETEMBRO

Noites misteriosas em setembro
Angústia e ansiedade vêm a mim lentamente
Espero o dia raiar

O vento sopra forte
O mar balança sob a luz do luar
Com o barulho das ondas incansáveis
Um vai e vem infinito, obra da criação divina

Vêm vindo a Aurora
Flores brotam nos jardins
Pássaros cantam alto em sintonia constante
Um coral de vozes da natureza
Vê-se revoada no espaço
A primavera chegou
É setembro

Praia de Iracema.
Foto: Divulgação

PRAIA DE IRACEMA

Morros de areias branquinhos
Dos belos coqueirais
Suas águas cristalinas
Eram um colírio
Indo e vindo a nossa vista banhar

O Hotel São Pedro
Era um cartão postal a se admirar
Do restaurante Lido onde a boêmia aparecia em noites de lua cheia
Era um deleite a nos encantar
E a vida noturna continuar

O piano bar do hotel tinha vinhos, uísques, boa música
Era o chique desse lugar

Ano 2000 e mais, demoliram sua história
Ficou só a Igrejinha de São Pedro
Onde os fiéis vão rezar.

Solteira, desfrutei muito por lá
As tertúlias concorridas no bairro Era um atrativo do lugar

Casada, morando na rua João Cordeiro
Um filho meu Mário Henrique resolveu vir ao mundo lá

Da calçada da minha casa
Ouvia o ronco do mar
Pra terminar, diz o ditado popular
Sou cearense da gema
Sou da praia de Iracema
Fortaleza, Terra de José de Alencar
Hoje, sinto saudades de lá.

Marlucia Vidal é economista de formação. Natural de Pau dos Ferros no Rio Grande do Norte.

POEME-SE

Ruth Ibiapino

DAMA DA NOITE

No horizonte o sol eu vi
Se escondendo no poente,
No céu a aquarela colorida
Se despedir timidamente,
O sol que corado sorria,
Pra dama da noite que vinha
Rasgando a penumbra sorridente.

Vi pássaros se agasalhando
Fazendo da árvore casa,
Na beira do lago as garças
Voando raso e batendo asa,
Enquanto a lua singela
Desapontando na janela
Da adeus ao sol vermelho brasa.

O céu calmo se escureceu
As estrelas ganham lugar,
Cada centímetro do céu
É casa pra constelação morar,
A dama da noite surpreende
E subitamente entende
Que é sua hora de brilhar.

Trazendo luz a noite escura
É inspiração para cânticos,
Dando lugar a poesias
E as serenatas dos românticos,
É o brilho dos encantados
Testemunha dos apaixonados
E a mãe dos inebriantes.

Traz em sua áurea claridade
E as matas escuras passagem
Aos animais noturnos da noite
Da audácia, esperteza e miragem.
Se faz admiração, e açoite.
A lua se faz dama da noite,
Dando aos pensantes coragem.

INFÂNCIA GÊMEA DA CIDADE

Da calçada de casa avistei
Uma ave voando no céu
As nuvens brancas de algodão
Colorindo com seu pincel
A aquarela do horizonte
Que constrói a sua ponte
Nos raios solares do véu.

Debaixo de uma árvore brota
A vida que cresce e dança
Que brinca levemente
Com um sorriso de esperança
Plantando a felicidade
Regada na simplicidade
De brincadeira de criança.

A vida nasce e cresce
Sem enfeite nem maquiagem
No sossego de uma rua
Com a natureza de paisagem
O tempo se faz fotografia
Transformando o simples do dia
Na mais bela das imagens.

O vento que bate calmo
Assoprando um sorriso
Um abraço se faz passagem
Para a porta do paraíso
Abraço-casa de mãe
Faz com que acompanhe
Tudo aquilo que é preciso.

Um olhar sincero desabrocha
Um abraço solto ganha vida
Um choro curto se encerra
O sorriso é remédio da ferida
O agora dessa imagem
É a mais linda das postagens
E o presente, a principal curtida.

Ruth Ibiapino é poetisa, da cidade de São João do Tigre–PB. Atualmente mora em Campina Grande–PB, cursa Química Industrial na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Participou em uma coletânea entre Brasil e Portugal, tem 14 cordéis autorais publicados.

neandertal

enrico pierrô

em que momento criamos regras? se pensarmos na ideia da evolução, desde os homens da caverna, acredito que logo no início algumas coisas precisaram ser organizadas. não dava para 3 ou mais pessoas executarem as mesmas tarefas e não haver ninguém para outras. e regras são basicamente isso, formas de você organizar as coisas. sejam pessoas, objetos, ações e até palavras.

Foto: Divulgação

fomos avançando no tempo, indo e voltando na evolução (se me permite dizer, porque tenho certeza de que em alguns momentos da história a gente tem a impressão de que demos 10 passos pra trás antes de dar dois para a frente), mas sempre nos baseamos e nos limitamos em regras. nem sempre claras e nem sempre tão bem definidas, mas ainda assim sempre estiveram lá.

conforme os anos foram passando e as sociedades ficando maiores e mais complexas, vieram as leis e as instituições, que vão nos dando um norte e um modo de conduta apropriada pra vivermos de maneira mais ou menos organizada. digo mais ou menos porque uso como base, é claro, o brasil., porém, ainda que estejamos sempre avançando nas tecnologias, na informação e na cultura, parece que na educação a gente ainda insiste em ser algo meio homem da caverna. meio neandertal no modo de viver.

o famoso cada um por si tem tomado as ruas e o trânsito. a violência se propaga como se fossem formigas em volta de um grande pote de açúcar. e ficaria aqui por muitas páginas falando sobre isso, mas tem um ponto que tem me incomodado. nessa coisa toda de educação, a impressão que eu tenho tido (pós pandemia ou não, vai saber, tanta coisa mudou e nós que achávamos que era para melhor, vimos que não foi bem assim), é que as pessoas estão esquecendo o que é o coletivo.

não que estejamos nos tornando totalmente egoístas e individualistas (até estamos, mas não é sobre isso). estamos nos fechando em círculos e bolhas tão apertadas, que não está sobrando muito espaço para se ver o que há de fora. e aí chego no ponto que eu gostaria: empatia versus educação.

se a educação faz com que eu não seja mal-educado com uma pessoa aleatória na rua, o que faz a empatia comigo? o que tem me incomodado, e acredito que você que esteja lendo, em algum momento da sua vida também já passou por isso, é a falta de noção das pessoas. eu tenho 2 vizinhos. um aluga pra festa e o outro acha que vive em uma. as caixas de som parecem que para não “incomodar” na rua, ficam viradas literalmente para a minha casa. eu me sinto naquelas competições paraenses de tecnobrega. o problema é que a música nem é boa.

e não adianta tentarmos apelar para o bom senso, eu acho que nós o jogamos pela janela em algum lugar de uma estrada escura e deserta e nunca mais encontramos, porque não faz sentido você fazer um show, em um lugar aberto, no meio de um bairro, que só vai acabar por volta das 2h da manhã. quer dizer, ninguém que produz, aluga, toca e etc. têm família? como essas pessoas reagiriam se o show fosse do lado da casa delas? porque uma coisa é eu sair da minha casa e ir pra um lugar qualquer fazer um escândalo, e depois voltar pro silêncio do meu apartamento.

de qualquer forma existem leis, lembra? do silêncio, perturbação do sossego e afins, mas a única que parece realmente funcionar nesse país, é a lei do menor esforço. pode reparar, principalmente no trânsito, não se dá mais volta no quarteirão se você erra. você dá ré no meio da

avenida ou contorna o carro no meio da quadra, porque é mais rápido, sem pensar na quantidade de pessoas que você vai atrapalhar fazendo isso, além do risco e etc. mas mesmo com tantas leis, que claramente nunca são respeitadas, fica também aquela pergunta: existe, de verdade, um poder público no país? nas cidades? porque aqui ele só funciona para aplicar as leis que se revertem em dinheiro. ou algum tipo de ganho. fora isso, tudo é vão, fútil, supérfluo. você pode ligar para a guarda civil, polícia militar, corpo de bombeiros, carreta furação. nada vai adiantar e ninguém pode te ajudar. isso quando você consegue um contato, porque parece que as coisas só acontecem em horário comercial. fora dele é uma selvageria. será que voltamos a ser neandertais, agora tecnológicos?

o homem das cavernas que um dia habitou e compôs o nosso dna parece estar mais vivo do que nunca. não sei quais mutações essas doenças como h1n1, covid etc. alteraram nosso dna, mas algo me diz que estamos voltando para trás, ao invés de irmos pra frente. estamos descartando a educação e a empatia em troca de uma vida online solitária e pobre. estamos nos sufocando nas bolhas do nosso egoísmo e caindo no labirinto do individualismo. estamos indo tanto pra frente, que olhando pela janela, parece que estamos cada dia mais para trás.

enrico pierro, nasceu em 1986, passou a maior parte da sua vida em um mundo analógico, onde toques eram reais e as palavras eram impressas em papéis. Enrico trilhou um caminho próprio que o levou a amar intensamente o mundo digital, mas sem perder o toque humano que caracteriza a sua escrita única. Enrico é um apaixonado pelas palavras e pelas letras, além de ser um amante voraz de leitura, e os livros se tornaram seus melhores amigos. Suas palavras não são apenas composições literárias, são na verdade extensões de sua própria alma. Ele acredita que as palavras têm o poder de tocar e transformar vidas. Enrico não escreve apenas por escrever, ele escreve porque precisa, porque as suas palavras são a sua voz e a sua maneira de conectar-se com o mundo.
redes sociais: @enricopierroofc (Instagram, TikTok, X e Threads) e seu blog: https://enricopierro.com.br/

SAUDOSOS VENDEDORES DE RUA

Maria José Monte Holanda

A Fortaleza do final dos anos 1950, que conheci ainda criança, era plena de coisas simples que alegravam nossa infância e juventude. Sua compleição, onde predominantemente as casas reinavam como habitação, favorecia a existência de um costume que hoje não vemos mais: o pregão de rua. Ainda ecoam em nossos ouvidos as entoações da linguagem usual dos pregoeiros ou vendedores ambulantes.

Foto: Divulgação

No Brasil, os pregões surgiram no século XIX, primeiramente nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, provavelmente originários de Portugal. O registro escrito sobre o assunto é escasso e elementar. O pregão documentado como mais antigo, é o famoso “Sorvete Iaiá”, surgido na cidade do Rio de Janeiro, e atraía as damas cariocas para experimentar o gelo trazido em toneladas, ideia desembarcada em 1834 do navio Madagascar, vindo dos Estados Unidos. Com a continuação, a novidade se multiplicou em sabores, caiu no gosto infantil e o oferecimento foi ampliado musicalmente: “Sorvete Iaiá! É de pitanga, de cajá e de abacaxi”. O sucesso foi tanto que uma canção-pregão composta por um vendedor anônimo foi gravada em disco. Dizia:

“Sorvetinho, sorvetão,
Sorvetinho de ilusão,
Quem não tem 300 réis,
Não toma sorvete não”.

As poucas notícias sobre os pregões nos centros urbanos brasileiros são encontradas em prosa, quando cronistas registraram, com naturalidade, antigas impressões de suas cidades e de suas memórias que relembram os gritos musicais dos vendedores de rua ouvidos na infância.

Vender é uma arte em constante evolução. Os vendedores ambulantes de rua ganhavam a vida à base de gritos, do gogó, da espontaneidade e da imaginação. Utilizavam rimas e versos engraçados, poéticos e criativos para alardearem seus produtos. Usavam a entoação das sílabas de forma sonora, compassada e repetitiva, que ainda hoje repercutem em nossas memórias. Esses eram profissionais livres, criadores de um eficiente modo de ofertar seus produtos, os mais variados: doces, balas, sorvetes, artesanatos e até serviços, como conserto de guarda-chuvas, panelas, engraxamento de sapatos. Tinham como prática uma das mais antigas formas de publicidade do tipo “jingle” (vocábulo inglês que significa repetição de palavras de sons iguais ou semelhantes para chamar a atenção).

Quem não lembra dos triângulos bem ritmados anunciando a chegadinha ou a tapioca com coco? "Olha o cuscuz paulistaaaa!", “Vassoura, espanador!”, "Buchada, panelada e figo! (fígado) gordo!", "Olha o verdureiro! cheiro verde, coentro e cebolinha!", "Olha o rolete de cana caiana!", "Algodão dooooce!". Tudo isso era anunciado de forma pitoresca, poética e própria de cada um, e passou a fazer parte do nosso cotidiano, transitando diariamente pelas ruas do nosso bairro e nos encantando. O que mais me atraía era o sorveteiro ou o vendedor de “doce gelado”. Primeiro surgiram com as caixas de madeira sobre a cabeça, depois empurrando os carrinhos de três rodas, sempre com os picolés de pauzinhos, sorvetes de casquinhos, sendo meus preferidos os de morango, pela cor forte, avermelhada, mas que da fruta tinha pouco. Porém, era uma maravilha!

Esses profissionais de antigamente valorizavam a liberdade de conviver com a rua, em

contato com o mundo, com as pessoas, com o sol, expondo sua arte de oferecer, de vender, exibindo jeito e linguagem próprios, sonoros aos nossos ouvidos. Era um encontro com a vida, com a intimidade da rua e com as pessoas.

Foto: Divulgação

A feição da cidade foi mudando com o passar do tempo. As casas residenciais aos poucos foram dando lugar aos espigões. No começo, com lentidão, agora vertiginosamente. Os supermercados proliferaram, tragando as pequenas “vendas”, as mercearias, as bodegas. Com as mudanças, a voz repetitiva e familiar dos pregoeiros foi ficando inviável e inaudível, perderam-se no tempo e no espaço.

O pregoeiro, aquele vendedor livre, lúdico e espontâneo do dia a dia das nossas ruas, deu lugar a outro gênero de pregão, o pós-moderno, vindo dos camelôs, que precisam obedecer a leis sanitárias mais rígidas e uma informalidade econômica mais organizada. A atividade tem que ser legalizada na prefeitura. Tenho visto um vendedor de pamonha, aqui na Praça Martins Dourado, que me chamou a atenção pelo modo próprio de vender: ele utiliza uma caixa plástica grande com a palavra “pamonha”. O vendedor fica sentado em um banco, bem-comportado, à espera de compradores. Esse quadro aguçou minha memória comparativa, despertando em mim o som nostálgico dos antigos vendedores de rua.

Perderam-se no tempo aquelas vozes que compõem uma referência cultural, demonstrando os vários aspectos de usos e costumes de uma época e de uma sociedade, podendo ser resgatados apenas por meio da nossa memória, sempre que estamos atentos e saudosos aos sons do passado.

Maria José Monte Holanda. Nasceu em Acarape-CE e reside em Fortaleza. Bacharel em Biblioteconomia; Especialista em Bibliotecas Públicas e Escolares; em História: Questões Teóricas e Metodológicas (pela UFC); em Literatura na (UFNB). Livros, crônicas, artigo publicados: “Descobrindo outros mundos: aqui pertinho”, em parceria Janina Sanches; “Algo do passado: um compartilhar despretensioso”; “Janela do cotidiano”; “A Janela do Viajante”. crônicas no Jornal O Povo (Jornal do Leitor); artigo “A integração do bibliotecário e do professor na área educacional”.

PALAVRAS QUE FLORESCEM

Luize Soares

A coluna Palavras Que Florescem se dedica a explorar e destacar a força da voz feminina na literatura. Através de entrevistas e poemas, a coluna celebra o talento de escritoras, trazendo à tona suas histórias, inspirações e desafios no mundo da escrita. Focada em mulheres que se expressam por meio de diversas formas de arte literária, "Palavras que Florescem" oferece um espaço para que essas autoras compartilhem suas trajetórias e obras. A coluna busca também refletir sobre a importância da literatura feminina no cenário contemporâneo, promovendo novas vozes e ampliando o diálogo cultural. Aqui, a palavra se transforma, florescendo em cada verso e cada história.

Luize Soares é estudante de jornalismo, colagista e editora de vídeos. Administra a página Lady Watereton: Diário de Metamorfoses no Instagram, onde compartilha suas criações e reflexões.

ENTREVISTA

Foto: Divulgação

Janeville Fonseca Caneca (Jane Caneca)

Nascida em Recife-PE, Jane Caneca é graduada em pedagogia, letras e é especialista em psicopedagogia, metodologias do ensino de artes, filosofia e sociologia da educação do ensino fundamental. Atuou como professora de literatura da rede municipal de Fortaleza, professora de artes do estado do Ceará e em escolas particulares. Escreveu 20 livros infantis. Jane participa de grupos de poesias e tem textos publicados em antologias. É membro efetivo nas academias: AVLPL, AABLA, AILB, ACE.

Atualmente é integrante do coletivo das Lamparinas e está como coordenadora do congressinho (Grupo Chocalho).

O que te inspirou a começar a escrever? Há alguma experiência pessoal ou figura literária que foi essencial no seu percurso?

JC: Quando eu era criança, lia muitos gibis (Luluzinha, Fantasminha Camarada, Bolinha e muitos outros na década de sessenta. Gostava também dos clássicos, como: Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, Branca de Neve etc. Eu adorava "O Sitio do Pica Pau Amarelo", Monteiro Lobato foi uma referência Literária para mim.

Como mulher e escritora, você já enfrentou preconceitos ou dificuldades específicas no meio literário? Como lida com essas situações?

JC: Claro que sim, como toda mulher em movimentos que buscam liberdade de expressão em todas nuances. Fui aprendendo a lidar com as situações de maneiras diversas, principalmente no meio Literário.

Que conselho você daria para mulheres que desejam seguir o caminho da escrita, especialmente de forma independente?

JC: Nunca desistam, pois há sempre uma nova descoberta ser germinada.

Como você vê o impacto da tecnologia e das mídias sociais na literatura? Acredita que essas ferramentas mudaram a forma como as pessoas escrevem e consomem literatura?

JC: De maneira aplausível. Pois há sempre a aprender com o novo. Lógico que estamos vivendo um novo tempo e a Literatura tem que ser inserida como aprendizado, contribuindo de forma positiva e negativa. Criando assim um distanciamento de antigos hábitos que eram de relevância no passado dentro do universo Literário e acredito que a obra Literária vai no ápice.

Existe algum tema ou história que você ainda não escreveu, mas que está nos seus planos futuros? Qual seria sua obra dos sonhos?

JC: Escrever uma autobiografia, um livro solo de contos, um livro com as poesias e poemas que escrevi nos grupos Literários e das minhas participações em antologias.

Foto: Divulgação

Jane Caneca é graduada em pedagogia, letras e é especialista em psicopedagogia, metodologias do ensino de artes, filosofia e sociologia da educação do ensino fundamental.

SOMOS TODOS PASSAGEIROS

Jane Caneca

A vida é uma viagem
Com saída e chegada
Somos todos passageiros
Com hora marcada
Cada estação tem seu ciclo de vida
Com situações diversificadas
Momentos de calmaria
De tristeza e prazer
Da janela observando as paisagens
Passando rapidamente
Registrando com a lente dos olhos
Como uma máquina fotográfica.
Contemplando as paradas
No imaginar a próxima surpresa
Desperta ao som do trem apitar
Se alegrar com a chegada.

ENTRE PALAVRAS E FEITOS

SETE FACES

À Drummond.

Quando nasci de um corpo aberto,
Desses que confundem os dias
E toma remédio de aborto! Pensei em desistir!
Todos os olhos perseguem as meninas
Que só querem brincar e curtir a meninice.
A infância não fosse tão castradora
Talvez reinassem todos os meus desejos.
As redes estão cheias de filtros:
Peles rosadas e lábios carnudos.
Para que tanta gente igual, meu
Deus, pergunta
Meu coração.
Porém minha boca
Continua em silêncio.
A mulher atrás da maquiagem
É velha, romântica e infeliz.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amantes.
A mulher atrás da maquiagem.
Eu não devia dizer
Mas essa lua
Mas essa caipirinha
Me dão vontade de ser só minha.

MAPA
Mapeia minhas curvas,
Percorre os meus rios,
Sente meus calafrios,
Ultrapassa desafios
E encontra o oásis em mim.

LANÇAMENTO

BRAGA, Luciana. Coletânea Poexistência. Org. Yara Fers.1ª Ed. Camaçari, BA: Editora Arpillera, 2023.

LUCIANA BRAGA é cearense, professora, pesquisadora, escritora e desenhista. É doutoranda em Letras pela UFC, participa de coletivos literários, é co-autora e ilustradora de várias coletâneas. Em 2021, lançou seu primeiro livro de crônicas ilustrado intitulado Escrita Infinita. Em 2023 lançou Sol, seu primeiro livro de literatura infantil, e a zine Úmido Desejo. E atualmente lançou um livro de contos eróticos intitulado O gozo dos signos (2024).

27ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

A escritora cearense Conceição Soares esteve na 27ª BIENAL Internacional do Livro lançando "Chuviscando Poesias", uma obra que nasceu da necessidade de expressar sentimentos profundos e transmitir as inquietações da alma em versos delicadamente entrelaçados.

Foto: Divulgação

O TEMPO

Apressa-te! Corre! Vive!
O tempo não espera por ti!

O tempo passa
O tempo corre
O tempo voa
O tempo escorre
O tempo consome
O tempo anda
O tempo deixa
O tempo reclama

O tempo mostra
O tempo decide
O tempo esclarece
O tempo previne

O tempo pergunta
O tempo responde
O tempo encerra
O tempo esconde
O tempo esnoba
O tempo ensina
O tempo cobra
O tempo brinca

O tempo urge
O tempo esmaga
O tempo foge
O tempo acaba

Conceição Soares é pedagoga, psicopedagoga, contadora de histórias, poetisa, cordelista e escritora. É membro efetivo de academias de literatura e grupos literários.

INTERTEXTUALIDADE E CAMÕES

Renata Barcellos (BarcellArtes)

No ano de 2024, se comemorado os 500 anos de Luís Vaz de Camões. Seu ano de nascimento é incerto. Talvez em 1523 ou, mais provavelmente, em 1524 (havendo ainda quem sugira começos de 1525). A Lei Portuguesa, promulgada em 02/02/1924, instituiu 05.02.1524, assim, completando 500 anos. Camões estudou em Coimbra, entre 1542 e 1545, com o tio dom Bento de Camões, prior do Convento de Santa Cruz. Dentre seus textos, o mais famoso soneto é: "*Amor é um fogo que arde sem se ver, é ferida que dói, e não se sente; é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer*" …

Este poema motivou outros poetas e compositores ao longo dos séculos a realizarem sua releitura. Este recurso é intitulado como Intertextualidade cuja definição é: reescrever o original mantendo o gênero textual e a estrutura. Vale ressaltar que ela é inerente à linguagem. Uns exemplos são: **Soneto de Fidelidade** de Vinícius de Moraes, **Monte Castelo** de Renato Russo e **Amor é um fogo que arde sem se ver** de Angélica Rizzi…

Em "Le problème du texte", M. Bakhtin (1989) aponta dois tipos de relações desenvolvidas dentro dos textos: a primeira obriga-o a inscrever-se em um sistema linguístico compreensível, mesmo que cada texto seja único enquanto enunciado, deve pertencer a uma linguagem comum a algum grupo. A segunda diz respeito à refração de outros escritos. É preciso compreender que o texto é composto por elementos exteriores e comuns a outros já elaborados. As particularidades de cada um deles dependem da forma como estes elementos comuns são recombinados.

A produção de um texto sempre implica leituras prévias sobre o tema a ser tratado. A retomada de muitos outros sempre ocorrerá e depende do olhar do outro (leitor, ouvinte) para que se criem e recriem significações, já que se constitui como o corresponsável pela construção de seu sentido.

A *intertextualidade* ocorre tanto na produção como na recepção cultural, de que todos participam. Escrita e leitura são faces da mesma moeda. O leitor também participa dessa ampla rede dialógica ao trazer para o texto que está lendo sua bagagem de leituras de outros textos, de variadas linguagens e diferentes gêneros. Roland Barthes nos diz que sempre lemos fazendo relações e colocando em diálogo o texto que temos diante de nós e os outros textos que, de alguma forma, já incorporamos.

Na prática pedagógica, em todos os níveis da formação escolar, o professor tem na *intertextualidade* um amplo campo para a valorização do processo de formação de leitores, de aproveitamento do capital cultural de seus alunos, por meio da explicitação da leitura como atividade criativa. Trata-se de um excelente exercício para a prática de escrita e desenvolvimento do raciocínio e da criatividade. Torna nosso texto rico na medida em que demonstramos conhecimento de textos originais. Podemos e devemos utilize-la nos diversos gêneros textuais. Por exemplo, as publicidades do Hortifruti: "Couve-flor e seus dois maridos. Ela ficou dividida entre dois amores de Hortifruti". Nelas, podemos constatar a criatividade dos publicitários da agência responsável. É preciso mergulhar nas leituras para poder se apropriar da arte da escrita e o uso dos diversos recursos, dentre eles: a intertextualidade. E viva os 500 anos de Camões!!!

Renata da Silva de Barcellos é professora da Educação Básica e Superior de Língua Portuguesa, Literatura e Produção textual. Escritora, poetisa e pesquisadora de Literatura. Realizou Pós-doutorado em Língua Portuguesa e em Literatura Brasileira pela UFRJ.

COLUNA MOSAICO ARTÍSTICO-CULTURAL

Elaine Meireles*

(contato: ponchetart1@gmail.com)

1. A Arte suja se lava no prelo

Conceituada como uma Arte que reflete, em suas obras, o momento histórico e seus principais aspectos sociais, intelectuais, econômicos, geográficos, culturais, morais, religiosos, a Literatura, como outras Artes, pode ser aclamada ou reprovada por leitores e/ou críticos. Algumas vezes, pode ser que essa aprovação ou não, se dá mediante o gosto pessoal e subjetivo de quem lê ou por quem é recomendado a ler. No entanto, tanto leitor como crítico não podem avaliar uma produção artística apenas por valores e impressões sentimentais.

Umberto Eco (escritor, linguista, filósofo, semiólogo, bibliógrafo italiano, morto em 2016) afirma que a Literatura é uma guia para a vida, por isso é importante observar, pesquisar, interpretar o processo da própria vida. Seu romance O nome da rosa (1980), nos revela, com maestria, uma Sociedade e uma Igreja inseridas na hipocrisia medieval, em meio a Inquisição, luta pelo Poder, luta entre a Fé e a Razão. A narrativa do romance, em clima de suspense e mistério, questiona instituições milenares e os conflitos religiosos em seus conventos.

A aceitação deste romance, por parte de leitores e da crítica, ocorre por conta de uma narrativa bem elaborada, mas também porque Sociedade e Igreja estão em outro momento histórico. Por vezes, nem a sociedade, nem o leitor, nem a crítica estão amadurecidos para reconhecer seus erros, suas falhas ou mesmo suas riquezas e criatividade e rejeitam determinada produção literária.

A Literatura Universal está repleta de “casos” em que somente depois de anos e até séculos, um autor e sua obra são reconhecidos como excelência de texto e como “Obra de Arte”. Entre tantos, destacamos apenas dois: o brasileiro Júlio Ribeiro e seu romance A Carne (1888) e o americano Charles Bukowski com seu romance As Mulheres (1978). A respeito do romance de Júlio Ribeiro, entre aqueles que combateram sua prosa, encontra-se José Verissimo, que considerava A Carne um romance obsceno, repleto de acontecimentos ridículos. Coube a Manuel Bandeira resgatar o autor e destacar a importância de sua obra, levando em consideração que Júlio Ribeiro trata de temas até então tidos como tabus (divorcio, sexualidade, desejo, feminismo, trabalho escravo, amor livre), revelando a complexidade da alma humana. Quanto ao romance As Mulheres, de Charles Bukowski, a crítica classifica a obra como “Realismo Sujo”. Esta confunde a vida pessoal do autor (alcoólatra e marginalizado) com as de suas personagens (complexas, envolvidas com aspectos sombrios do amor e autodestrutivas). O equívoco maior se dá porque Henri Chinaski é narrador e alter ego do autor.

A crítica literária no Brasil tem se firmado e amadurecido. Escritores de nossa Literatura, outrora tiveram suas obras classificadas como pornográficas e obscena. Hoje, são picantes, eróticas, sensuais: Obras de Arte. Afinal, Arte suja se lava no prelo!

(*) **Elaine Meireles** – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, pesquisadora, articulista da Revista Sarau. Professora Tutora da UFC/IFCE. Autora da Coletânea Lápis Afiado (Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros.); Português – Vestibulares & Concursos. Participação nos livros Vivencias de Leitura – uma análise linguística-literária das obras (org. Lucineudo Machado).

2. O Clube de Leitura do Pelicano

No início era o grupo de debate de filmes das *Apaixonadas por Cinema* (havia algum gato pingado homem que volta e meia comparecia também) que se reunia na Sala de Audiovisual do Centro Integrado de Cultura em Florianópolis. O grupo enfrentou, por vários motivos, diversos problemas com relação ao local dos encontros passando pela casa de algumas amigas, pela Biblioteca Pública de Santa Catarina, pela Associação dos Bancários, pelo Museu de Arte, pela Fundação BADESC... O grupo até foi objeto de um documentário curta-metragem produzido pela Fundação Catarinense de Cultura e realizado pelos cineastas Iur Gomes e Bob Barbosa em 2009. O fato é que, muito determinadas em manter o grupo unido e atuante, ninguém desistia.

Até que chegou o ano de 2014, quando uma das *Apaixonadas por Cinema* com seus 92 anos ficou doentinha, acamada e não podia mais sair de casa. Minha mãe, Elsa Balbão Pithan. Alfabetizadora e Professora de Inglês, embora aposentada, continuava sempre curiosa intelectualmente. Lia muito, assistia filmes, gostava de conversas filosóficas e papos com conteúdo gostoso. Ela não se conformava em ficar sem poder participar desses grupos. Foi então que tivemos a ideia de convidar a amiga Teca para organizarmos um grupo de leitura: já que a mãe não podia ir até o grupo, o grupo viria até ela!

No dia 12 de setembro de 2014, recebemos em casa a Teca para expormos nossa ideia e já começamos a organizar o grupo com entusiasmo! Até aí só sabíamos que desejávamos um grupo de leitura com debates. Colocamos as ideias básicas no papel e escolhemos uma data inicial para o primeiro encontro. Ah, mas um grupo assim precisava de um nome, qual seria? Foi a mãe que escolheu então “Clube de Leitura do Pelicano” porque o Pelicano era o personagem favorito dela.

Assim foi que no dia 10 de outubro de 2014 aconteceu a primeira reunião do *Clube de Leitura do Pelicano* em que as *Apaixonadas por Cinema* se deslocaram até a residência da Elsa! Que alegria para mim... ver a minha mãe explicar às amigas os objetivos do recém-formado grupo de leitura e após eu ter lido o nosso primeiro texto –a crônica VIAGEM A LUGARES COMUNS do escritor Jair Francisco Hamms- comentamos a crônica. Passamos para a mesa do café, que viria a se tornar tradicional nos encontros futuros, e a amiga e escritora chilena Milka leu um poema do seu livro AO SOM DO MAR o qual presenteou a mãe com um exemplar...

Estava delineada a base do *Clube de Leitura do Pelicano*. Sabíamos do seu potencial e possibilidades para criarmos atividades lindas nos encontros. O próximo já ficou marcado. Infelizmente, houve muitos problemas e o encontro se deu apenas com três Pelicanas, porém percebeu-se que havia real interesse na continuidade do Clube. Para tristeza geral, minha mãe faleceu em janeiro de 2015 e, em princípio, o objetivo inicial já fora cumprido, levar literatura para a vida da minha mãe. Uma vez que ela já não mais estava conosco... pensei que o Clube também terminasse.

Não foi caso, mais uma *Apaixonada por Cinema* ficou doentinha... a amiga Amália. Surgiu então a solução ideal, levaríamos o *Clube de Leitura do Pelicano* até ela! Daí, passamos a nos reunir em sua residência e para levantar o astral, começamos a inventar as leituras temáticas. Essas consistiam em leituras dramatizadas com vestimentas minhas e das Pelicanas de acordo com o tema central do conto ou crônica da vez [ah,

o termo Pelicanas para as participantes foi cunhado naturalmente por todas nós!]. A decoração do ambiente ficou sob as orientações da criativíssima Teca.

Sucederam-se assim as crônicas e os contos com debates e suas alegorias! Até que a querida Amália também faleceu, em fevereiro de 2016. As Pelicanas ficaram perdidas por algum tempo, porém bateu a saudade e o *Clube de Leitura do Pelicano* ressurgiu das cinzas tal qual a fênix. Os encontros retomaram seu rumo, muitos na residência da anfitriã Teca até que outras Pelicanas abriram também as portas de suas residências. Descobrimos o *Café Composé* das queridas Amália (cunhada da Pelicana Susana) e sua mãe Rosângela e fizemos alguns encontros por lá. O Pelicano vibrou orgulhoso com um Sarau formidável entre o grupo convidado dos *Náufragos Literários* em Floripa e o *Clube de Leitura do Pelicano* que teve lugar no *Café Composé* e ficou aberto ao público para o deleite de todos os participantes!

Tudo seguia as mil maravilhas, até que em 2020 veio a terrível onda da Pandemia. Os encontros presenciais ficaram congelados. Intensa tristeza no ar pelo mundo inteiro. Ainda assim, o *Clube de Leitura do Pelicano* resolveu organizar duas reuniões on-line divertidas para não deixarmos a peteca cair, mantendo nossa união mesmo em tempos de exceção.

Aos poucos, a vida foi retornando ao *modo presencial* e também o *Clube de Leitura do Pelicano* voltou às reuniões com direito a abraços hesitantes. Houve até dois encontros na Biblioteca do Centro Integrado de Cultura com participação aberta ao público o que foi uma experiência enriquecedora para as Pelicanas. O restaurante Direto do Campo serviu de palco para encontros do Clube com comemorações extras. Haja festança em nome da Literatura!

Foram muitas crônicas e contos alegres ou tristes que geraram debates e depoimentos pessoais mais ou menos intensos e participativos (alguns até acalorados!). Textos amados e outros nem tanto. Muitos autores locais, nacionais e internacionais passaram pelas nossas reuniões. O *Clube de Leitura do Pelicano* teve a honra de receber a visita de alguns escritores que concordaram e amaram em participar dos encontros em que lemos sua obra e tivemos a rara oportunidade de conversarmos com seu autor ou autora. Que momentos ímpares!

A alegria, diversão e entusiasmo das reuniões sempre foram abundantemente registrados em fotos e vídeos e postados nas redes sociais das Pelicanas como forma de divulgar a nossa paparicação faceira com relação à literatura, que afinal é o objetivo inicial dos encontros! Essas postagens levaram o *Clube de Leitura do Pelicano* para a “boca do povo” e muita gente comenta a sua vontade de participar dos encontros. É uma imensa satisfação para todas nós, sem dúvida.

E o tempo foi passando. Mais algumas Pelicanas foram juntar-se à Elsa e à Amália e participam de nossas reuniões lá de cima, nesse mezanino instalado em nossos corações. Também novas Pelicanas foram chegando aos pouquinhos, atraídas pelas ‘good vibes’ do grupo. Que bom.

Chegamos agora ao ano de 2024 com dois marcos maraviquânticos: no mês de setembro realizamos o 50º encontro e no mês de outubro o *Clube de Leitura do Pelicano* completa 10 anos. O tempo realmente voa e são 10 anos em que as Pelicanas celebram a VIDA através da LITERATURA. Porque a arte imita a vida... e a vida é bela... como alguém já escreveu em algum livro. Viva o Clube de Leitura do Pelicano!

Ana Esther Balbão Pithan - Mestre em Língua e Literaturas de Língua Inglesa. Cursou Inglês na Inglaterra e na Austrália. Foi Professora na UPF, na UNERJ e na UNIVILLE. Criou os personagens *O Pelicano*, a *Mega Vó*, a *Profa. Coruja-Buraqueira*, *Anamasthêr e a Meditação do Chimarrão*. Tem 3 e-books e 11 livros publicados. Coordena o Grupo de **Árvores Arteiras** (plantadores de árvores) e o **Clube de Leitura do Pelicano**.

3. Por onde ando na natureza me encontro, me jogo, me renovo. Um encontro com o universo em que estou inserido

Largando a bota para imergir na mata sentindo a grandeza da vida e a miudez que sou nesse universo.	1. Parar para admirar e agradecer cada momento. A caminhar ficou pra trás, agora respirar e se inserir nessa imensidão.	2. Sentir a troca da energia nesse momento me faz grato e feliz.

Nasci e cresci numa casa onde, de lado, tinha a mata que tantas vezes adentrei e do outro lado o rio que inúmeras vezes me banhei. Na frente, uma estrada que trazia as novidades e que um dia segui e sigo adiante, o mundo me espera. Mas, as raízes são onde tudo começou e assim me reencontro no meio à natureza. Assim eu sou.

Adilson Cavalcanti Cabral - Engenheiro Rodoviário. Hobby: fotografia, leitura, música, caminhada. Curso de Fotografia e atuação em equipe no ensaio do Curso de Moda do Senac Recife 2016. Ensaio de Gestante e bastidores.

4. Florescer

I.
Eu já morri algumas vezes,
Por falta de rega.
Eu já morri outras vezes,
Por excesso de entrega.

II.
Eu já morri tantas vezes
E nunca quis de verdade morrer.
Sempre soube,
merecia viver

III.
Não é a rega,
Não é a entrega,
Não é o morrer,
Que me faz florescer!

Valeria Acioly - alagoana, escritora, fotógrafa, circula o Brasil com o esposo, no trailer “**Pé de Mundo**”, nome também de seu canal no YouTube.

5. Crônica do Dudu Cruz: Sensações - Pão com ovo e vinho fino

A geladeira às vezes nos traz belas surpresas.
Não é romance, é escassez mesmo.
Noite longa, na geladeira nada de bom pra comer, me restavam ovos e pão já amanhecido. Então vamos ao velho e salvador sanduba de pão com ovo.
E depois, eu fui procurar algo para ajudar a colocar pra dentro o sanduba, achei umas laranjas já sem graça, espremi uma, mas o sabor estava horroroso.
Já estava me conformando em comer "pão com ovos a seco" quando surgiu a surpresa maravilhosa. Uma lata de refrigerante fechadinho que eu comprei hoje na feira e nem me lembrava...
E aí foi só alegria pão com ovo e uma coca geladinha... é *tudibão* que se quer num sábado sem graça e sem grana.
Eu comia como quem degustava um belo prato regado a um bom vinho num restaurante na área nobre de São Paulo.
As sensações se tornam grandes exatamente por não esperarmos vive-las, é algo que independe do fato ocorrido, sendo possível você estar num restaurante de alta classe degustando um fino prato regado a um bom vinho e se sentir comendo um pão com ovo sozinho em casa.
Observe suas emoções e sentimentos, e valorize mais cada momento, pois esses não os viveremos mais, podemos no máximo tê-los na lembrança.

Dudu Cruz (Eduardo Augusto Carrilho Cruz) - Artista plástico visual, músico percussionista, escritor. Lança em 2020 "*Tô Contigo e ME abro"* (crônicas). Participação nos livros de Poesias e Crônicas: "*Antologia, Semeando Versos*"; "*Costurando Vivências*" (Literatura Phontes Literárias). Contatos: Instagram @ duducruz60; www.youtube.com/@duducruz_abstrato; (11)97355-0859

Edições anteriores

Acesse:

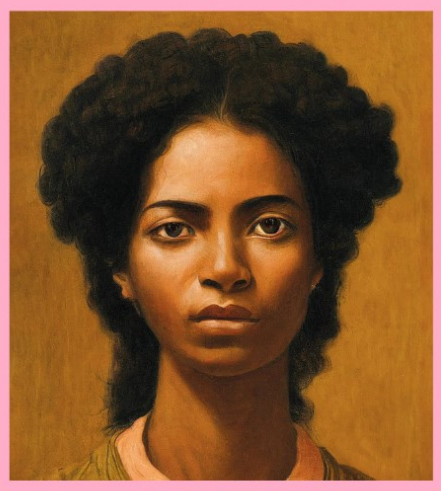
https://revistasarau2.wixsite.com/website

Volume 5 - número 12 - janeiro/fevereiro de 2025

REVISTA Sarau

POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS

CONCEIÇÃO EVARISTO



MARIA FIRMINA DOS REIS

SOCORRO ACIOLI

FLORBELA ESPANCA

ANTONIO CICERO

ISSN 2965-6192